



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG  
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS – IESA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PP GEO

LEONARDO JOSÉ DOS REIS COIMBRA DE MELO

**POVO TAPUIA DO CARRETÃO (GO): MODO DE VIDA,  
RESSIGNIFICAÇÕES E TERRITORIALIDADES ENTRE A ALDEIA E AS  
CIDADES**

GOIÂNIA  
2022

LEONARDO JOSÉ DOS REIS COIMBRA DE MELO

**POVO TAPUIA DO CARRETÃO (GO): MODO DE VIDA,  
RESSIGNIFICAÇÕES E TERRITORIALIDADES ENTRE A ALDEIA E AS  
CIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Área de Concentração:** Natureza e Produção do Espaço

**Linha de Pesquisa:** Espaço Sujeitos e Existência

**Orientadora (in memória):** Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça

**Coorientação:** Profa. Dra. Lorraine Gomes Silva

GOIÂNIA

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

**Exemplos:** Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

Leonardo José dos Reis Coimbra de Melo

#### 3. Título do trabalho

POVO TAPUIA DO CARRETÃO (GO): MODO DE VIDA, RESSIGNIFICAÇÕES E TERRITORIALIDADES ENTRE A ALDEIA E AS CIDADES.

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

**[1]** Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;

- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **LEONARDO JOSÉ DOS REIS COIMBRA DE MELO, Discente**, em 07/11/2022, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Rodrigues Mendonça, Professor do Magistério Superior**, em 09/11/2022, às 12:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3318999** e o código CRC **632D8811**.

**Referência:** Processo nº 23070.044453/2022-33

SEI nº 3318999

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Melo, Leonardo José Coimbra de  
POVO TAPUIA DO CARRETÃO (GO) [manuscrito]: MODO DE VIDA, RESSIGNIFICAÇÕES E TERRITORIALIDADES ENTRE A ALDEIA E AS CIDADES / Leonardo José Coimbra de Melo. - 2022.  
114 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça; co orientadora Dra. Lorraine Gomes Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2022.

Bibliografia.

1. Povo Tapuia do Carretão. 2. Aldeia e Cidade. 3. Deslocamentos. 4. Territorialidades. 4. Resiliência. I. Mendonça, Marcelo Rodrigues, orient. II. Título.

CDU 911



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata Nº 86 da sessão de Defesa de Dissertação de **Leonardo José dos Reis Coimbra de Melo**, que confere o título de Mestre em **Geografia**, na área de concentração em **Natureza e Produção do Espaço**.

Aos dezesseis dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e dois, a partir das 15:00 horas, por meio de videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“POVO TAPUIA DO CARRETÃO (GO): MODO DE VIDA, RESSIGNIFICAÇÕES E TERRITORIALIDADES ENTRE A ALDEIA E AS CIDADES”**. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Marcelo Rodrigues Mendonça (IESA/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Selvia Carneiro de Lima (IFG), membro titular externo; Professor Doutor Ronan Eustáquio Borges (IESA/UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Marcelo Rodrigues Mendonça, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos dezesseis dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e dois.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Sélvia Carneiro de Lima, Usuário Externo**, em 20/10/2022, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Rodrigues Mendonça, Professor do Magistério Superior**, em 26/10/2022, às 10:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ronan Eustaquio Borges, Professor do Magistério Superior**, em 27/10/2022, às 10:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3204813** e o código CRC **C9AD150C**.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que de forma direta ou indireta puderam contribuir para a realização e conclusão dessa pesquisa.

Primeiramente agradeço a Deus, pelo dom da vida e da saúde, aos Espíritos Consoladores, Mensageiros de nosso Pai Maior, que ao longo de minha vida me transmite boas vibrações e inspiração, irradiando sobre mim as bençãos dos Céus. E que me deu forças em especial nos últimos três anos, me fazendo ter forças para superar os obstáculos que surgiram ao durante essa trajetória.

A todo o povo Tapuia do Carretão, em especial os residentes nas cidades de Nova América e Rubiataba, por terem me recebido em suas casas e aceitado participar da pesquisa, contribuindo não apenas com a minha formação acadêmica, mas também na minha elevação humana.

Agradeço a Professora Dra. Maria Geralda de Almeida (in memória) por ter aceitado conduzir o projeto de pesquisa, o que realizou com esmero sempre, até o momento de sua partida.

Ao professor Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça.

A professora Dra. Lorraine Gomes Silva, pelas contribuições durante a qualificação do projeto e pelas orientações durante a conclusão desse trabalho, agradeço por ter aceitado o desafio de conduzir um trabalho em meio a um caminho de conclusão, pois, sem o seu auxílio talvez não fosse possível completar.

Ao professor Dr. Jodival Mauricio da Costa pelas contribuições durante a qualificação do projeto.

A minha família, em especial a minha mãe Maria Natalina Coimbra de Melo, que sempre me apoiou desde sempre, ainda mais durante minha graduação e pós-graduação. Em que suportou em silêncio e resignação, as minhas ausências.

Ao meu amigo de longa data Lázaro Cesar Batista Alves, que ao longo dos últimos treze anos, tem me apoiado e auxiliado, agradeço por sempre se fazendo presente em minha vida especialmente nos momentos em que mais precisei de ajuda.

Ao PPGGeo-IESA – UFG, e ao corpo docente que corroborou com a minha formação e estão sempre comprometidos com a qualidade do ensino e a

excelência nas pesquisas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Goiânia, 02 de agosto de 2022.

## DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho ao povo Tapuia de Goiás e em nome deles a todos os indígenas do Brasil que vivem em processos de resistências cotidianas para viver em seus territórios conforme sua cultura. E também a professora Maria Geralda de Almeida *in memória*, que tanto contribuiu para que essa pesquisa fosse realizada.

*Conhecendo melhor esses povos indígenas, veremos que, apesar de partilharem conosco o acesso a praticamente tudo que o mundo contemporâneo nos permite, em termos de bens de consumo e de informação, estamos diante de outras sociedades. Ressalta-se que elas são muito bem estruturadas quanto aos modos de vida e visão de mundo, e esses modos próprios são suficientemente versáteis e apropriados para conviver com os nossos. (ALMEIDA, p. 108, 2020)*

## RESUMO

O povo indígena Tapuia do Carretão possui o seu território tradicional na Região do Vale do São Patrício, estado de Goiás, Brasil. A Terra Indígena se divide em duas glebas, não contínuas, o Carretão I entre os municípios de Nova América e Rubiataba e o Carretão II em Nova América. A presente pesquisa foi realizada com o povo Tapuia em particular com os indígenas que saíram da aldeia para morar nas cidades vizinhas de Nova América e Rubiataba. O objetivo foi compreender o modo de vida, as novas territorialidades e ressignificações de viver na cidade. A base da análise foi o materialismo histórico dialético pautada em uma abordagem quali-qualitativa e na metodologia da observação participante, composta pelos procedimentos de levantamento bibliográfico, trabalho e construção de diário de campo, entrevistas semiestruturadas, observação, registros fotográficos, elaboração de mapas por meio dados disponíveis no SIEG – GO (Sistema Estadual de Geoinformação – Goiás) e FUNAI (Fundação Nacional do Índio). As entrevistas foram gravadas, transcritas e catalogadas materiais que subsidiaram as análises realizadas. Compreende-se que movidos por necessidades relacionadas a emprego e renda; auxílio médico e ampliação dos estudos algumas famílias e indígenas decidem mudar para as cidades que tem mais estrutura para esses bens e serviços que na aldeia. Por outro lado, sair do lugar de origem provoca mudanças no modo de vida em consequência ressignificações socioculturais.

**Palavras-Chave:** Povo Tapuia do Carretão. Aldeia e cidade. Deslocamentos. Territorialidades. Resiliência.

## ABSTRACT

The Tapuia do Carretão indigenous people live in their traditional territory in the São Patrício Valley Region, State of Goiás, Brazil. The Indigenous Land is divided into two discontinued glebes, which are, Carretão I between the municipalities of Nova América and Rubiataba and Carretão II in Nova América. This research was carried out with the Tapuia people, in particular with the indigenous people who left the village to live in the neighboring cities of Nova América and Rubiataba. The objective was to understand the way of life, the new territorialities and resignifications of living in the city. The basis of the analysis was dialectical historical materialism based on a qualitative approach and on the methodology of participant observation, composed of the procedures of bibliographic survey, work and construction of field diary, semi-structured interviews, observation, photographic records, preparation of maps through data available in the SIEG-GO (State Geoinformation System - Goiás) and FUNAI (National Indian Foundation). The interviews were recorded, transcribed and cataloged materials that supported the analyses performed. It is understood that, driven by needs related to employment and income; medical assistance and expansion of studies, some families and indigenous people decide to move to the cities that have more structure for these goods and services than in the village. On the other hand, leaving the place of origin causes changes their way of life as a result of sociocultural resignifications.

**Keywords:** People Tapuia do Carretão. Village and city. Offsets. Territorialities. Resilience.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa Brasil Indígena até o século XV.....	22
Figura 02: Mapa da População Indígena no Brasil em 2010.....	22
Figura 03: Mapa Línguas Indígenas até o século XV.....	24
Figura 04: Mapa Línguas Indígenas em 2010.....	24
Figura 05: Mapa de Localização do bioma Cerrado no Brasil.....	26
Figura 06: Desmatamento do Cerrado.....	28
Figura 07: Mapa Povos Indígenas na região Goiás/Tocantins na época da colonização.....	31
Figura 08: Mapa de Localização do Carretão I e Carretão II.....	39
Figura 09: Mapa das Principais Rodovias de Acesso a T.I. do Carretão.....	41
Figura 10: Mapa de Localização da Microrregião de Ceres – GO.....	44
Figura 11: Mapa de Localização da Região do Vale do São Patrício/Go.....	46
Mapa 12: Mapa de Localização do Município de Nova América – GO/2022.....	49
Figura 13: Mosaico de edificações no município de Nova América/Go.....	50
Figura 14: Mosaico de propriedades rurais as margens da rodovia GO/334.....	51
Figura 15: Mosaico margens da rodovia GO/334 e GO/156.....	52
Figura 16: Mapa de Localização do Município de Rubiataba – GO/2022.....	53
Figura 17: Mosaico rodovia GO/478 e propriedades no município de Rubiataba...56	
Figura 18: Estimativa De Famílias Tapuia Residentes Fora Do Carretão.....	58
Figura 19: Relação de Tapuia entrevistados.....	61
Figura 20: Principais motivos do deslocamento da T.I. Carretão/GO, para as cidades.....	63
Figura 21: Principais bairros de residências de Tapuia.....	67
Figura 22: Mosaico vista parcial dos bairros em que residem famílias Tapuia.....	69
Figura 23: Mosaico serviços e órgãos públicos nos bairros de Nova América -Go.....	70
Figura 24: Mosaico quintais de famílias Tapuia.....	85

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

CANG – Colônia Agrícola Nacional de Goiás.

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde.

GO – Estado de Goiás.

ha – Hectares.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano.

IMB – Instituto Mauro Borges.

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações.

MT – Estado do Mato Grosso.

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

PRODES – Projeto de Monitoramento do Desmatamento.

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena.

TI – Terra Indígena.

TO – Estado do Tocantins.

UBS – Unidade Básica de Saúde.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	15
<b>CAPÍTULO I – POVOS INDÍGENAS: breves contextualizações</b>	20
1.1 Povos Indígenas no Brasil	21
1.2 Povos Indígenas no Cerrado	26
1.3 Povos Indígenas no Estado de Goiás	30
<b>CAPÍTULO II – MODO DE VIDA DO POVO TAPUIA DO CARRETÃO (GO):entre a aldeia e as cidades</b>	35
2.1 Povo Tapuia: contexto sócio-histórico e geográfico	36
2.2 Rubiataba e Nova América: indígenas urbanos	43
2.2.1 Município de Nova América (GO)	48
2.2.2 Município de Rubiataba (GO)	52
<b>CAPÍTULO III – TERRITÓRIO E VIDA INDÍGENA DO POVO TAPUIA DO CARRETÃO NAS CIDADES DE RUBIATABA E NOVA AMÉRICA (GO): deslocamento e ressignificações socioculturais</b>	60
3.1 Sujeitos da pesquisa	61
3.2 Deslocamentos: modo de vida e ressignificações socioculturais	62
3.3 Memória e lugar	80
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	89
<b>REFERÊNCIAS</b>	94
<b>APÊNDICES</b>	99
<b>APÊNDICE A – Roteiro da Visita Exploratória</b>	100
<b>APÊNDICE B: Roteiro de Questões – Visita Exploratória</b>	101
<b>APÊNDICE C: Roteiro para Pesquisa de Campo</b>	103
<b>APÊNDICE D – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento</b>	104
<b>ANEXOS</b>	107
<b>ANEXO A: Parecer consubstanciado do CEP e CONEP</b>	108
<b>ANEXO B: Declaração de revisão</b>	108

## INTRODUÇÃO

De acordo com Ribeiro (1970), aproximadamente 80 povos indígenas desapareceram no Brasil no século XX. Os últimos dados demográficos sobre esses povos são do censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 e mostrou que são cerca de 896,9 mil indígenas, 305 povos, que vivem em 732 Terras Indígenas (TI) e há mais de 70 isolados e 82 referências de povos não-contatados.

O extermínio vivenciado pelos povos indígenas no Brasil dizimou povos inteiros e com eles elementos culturais específicos e línguas, um apagamento irreversível. Em Goiás um dos estados brasileiros o extermínio não foi diferente de mais de 20 povos que viviam no estado antes do processo de colonização, em 2022 conforme Silva (2016) existem apenas três Terras Indígenas: do povo Karajá no município de Aruanã, do povo Avá-Canoeiro, entre os municípios de Minaçu e Colinas do Sul e do povo Tapuia próximo ao município de Rubiataba e Nova América.

A presente pesquisa foi realizada com o povo Tapuia em particular com os indígenas que saíram da aldeia para morar nas cidades vizinhas Nova América e Rubiataba. O objetivo foi compreender o modo de vida, as novas territorialidades e ressignificações de viver na cidade.

A escolha do tema e em particular do povo Tapuia, foi pelo desejo em compreender melhor sobre as questões indígenas, sobretudo, essa dinâmica de deslocamento entre a aldeia e cidade e quais mudanças podem ser registradas na vida desses sujeitos. Deslocamentos estes que não ocorre com o povo o Avá-Canoeiro e com menor frequência com os Karajá.

O materialismo histórico dialético foi a base para a análise dos resultados, visto que, segundo Alves (2010) “o materialismo dialético entende que existem oposições dualistas/dicotômicas entre as instancias e indivíduos, objetividade-subjetividade, interno-externo”. Nesse contexto os sujeitos não são determinados na/pela história, mas como transformadores da história, em que as práticas sociais engendram essa relação.

A abordagem foi quali-quantitativa, na qual realizou-se a partir de dados qualitativos e quantitativos, Minayo (1994, p. 22) aponta que a diferença entre as duas se refere quanto a sua natureza. Enquanto a primeira busca perceber por

meio dos significados e relações a segunda apreende pelo visível e concreto. Entretanto as duas abordagens não se excluem, todavia se complementam, visto que, a realidade abrangida se interage dinamicamente, excluindo as dicotomias. Nesse sentido Schneider; Fujii e Corazza (2017, p. 570) aventam que “a pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos e uma análise processual mediante métodos qualitativos.”

A pesquisa teve como metodologia a observação participante de acordo com Mónico (2017, p. 726) ela traz como propósito acessar,

[...] as realidades observadas, a uma adequada participação dos investigadores, de forma “não intrusiva”, e de modo a reduzir a variabilidade residual, nomeadamente a repressão de emoções extravasadas ou comportamentos efetuados, bem como a artificialidade dos mesmos.

E os procedimentos metodológicos foram: levantamento bibliográfico sobre o tema; trabalho de campo com registros organizados em diário de campo; entrevistas; rodas de conversas e registros fotográficos.

O levantamento bibliográfico que consiste em selecionar e analisar trabalhos já realizados relativos ou correlacionados à temática da pesquisa, tornando-se contribuições científicas. Lima e Mito (2007, p.44) destaca que o levantamento bibliográfico enquanto procedimento metodológico tem como propósito fundamentar teoricamente a pesquisa, o que possibilita apreciações e comparações. Permitindo uma análise mais assertiva do objeto ou fenômeno analisado.

O trabalho de campo oportuniza ao pesquisador conhecer e acessar em loco a realidade investigada, o espaço e o sujeitos envolvidos na pesquisa interagindo com esses. Segundo Suertegaray (2009, p. 66) é nessa etapa que o geógrafo pode observar a realidade do outro, conseqüentemente o fenômeno analisado, possibilitando a interpretação por meio do seu engajamento e a relação entre a teoria e o experienciado.

A construção de um diário de campo permite estruturar um plano de atividades a serem executadas, assim como as anotações viabilizam a realização de exames mais aprofundados do estudo. Vargas (2020, p. 103)

apresenta que as anotações do diário de campo “consistem nos referentes de suas reflexões, experiências e sensações”.

A entrevista para uma pesquisa tem como caráter conhecer as narrativas dos sujeitos participantes, por meio de uma ‘conversa interessada’ (COLOGNESE; MÉLO, 1998), possibilitando uma interação entre o estes e o pesquisador. Pedrosa (2017, p. 366) destaca que este recurso possibilita a coleta de dados importantes e a realização de posteriores análises, retirando desse material aspectos que conferem cientificidade a pesquisa.

A roda de conversa segundo Mélo; Silva; Lima e Di Paolo (2007, p. 30) é considerado um recurso que permite o intercâmbio de informações, entre os participantes e o pesquisador, possibilitando a fluidez nos discursos e narrativas. No qual o pesquisador propõe um tema junto ao grupo, ligado a pesquisa, considerando os objetivos desta, e a partir desse momento as pessoas apresentam suas percepções e elaborações sobre este assunto “sendo que cada uma instiga outra a falar, argumentando e contra-argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro.”

E por fim os registros fotográficos possuem como objetivo, o de elaborar um conjunto iconográfico referente ao campo e, dos participantes da pesquisa. Nesse sentido, Pedrosa (2017, p. 363) ressalta que a fotografia deixa de ser um dado, com apenas caráter secundário de ilustrativo do texto, mas transfigura-se em elemento comunicacional passível de interpretações.

A pesquisa foi organizada em 04 etapas. A primeira foi composta por levantamento teórico conhecido também como estado da arte. Este, constitui uma base dados bibliográficos contribuindo para um amplo levantamento do histórico do povo Tapuia, e o processo de migração de alguns indígenas e ou famílias para as cidades de Rubiataba e Nova América.

A segunda etapa foi a pesquisa empírica, delimitação da área de estudo, definição do campo de trabalho e identificação dos sujeitos participantes da pesquisa. A terceira etapa foi a coleta de dados oriunda de trabalhos de campo, observação direta e participante, entrevistas, rodas de conversas e registros fotográficos. E a última etapa foi a organização dos dados e escrita da pesquisa.

Além de dados teóricos e escritos houve elaboração de mapas com dados disponíveis no SIEG – GO (Sistema Estadual de Geoinformação – Goiás) e FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e de desenhos feitos pelos indígenas.

Em 2020 quando iniciei o mestrado, realizei as disciplinas, organizei o levantamento bibliográfico e fiz leituras sobre o tema. A pesquisa teve início em 2021 e foi aprovada pelo Comitê de ética da Universidade Federal de Goiás (UFG, anexo 01). Foram realizados 03 trabalhos de campo nas cidades de Nova América e Rubiataba e na aldeia que fica 56km de Rubiataba.

O primeiro campo aconteceu de 07 a 11 de dezembro de 2020, conheci os dois municípios que fazem parte do recorte espacial da pesquisa Nova América e Rubiataba, conversei com alguns moradores locais sobre a presença dos Tapuia nas cidades e tivemos os primeiros contatos com alguns indígenas. Na oportunidade, por telefone contactamos o cacique do povo Tapuia para falar sobre a pesquisa e pedir consentimento para execução. Foi possível conseguir com o cacique contato de telefone de alguns indígenas que moram nas cidades. Isso facilitou uma aproximação inicial e informações trocadas por *watts zap*.<sup>1</sup> Com os dados iniciais coletados foi possível escrever e avançar um pouco o texto para a qualificação que ocorreu no dia 14 de janeiro de 2021.

O segundo trabalho de campo aconteceu de 04 a 09 de março de 2021. Foram realizadas entrevistas com 04 indígenas residentes em Nova América e 05 em Rubiataba. O local das entrevistas foi na casa dos indígenas. Essa estadia nas duas cidades foi um momento muito importante para o avanço da pesquisa.

O último trabalho de campo foi realizado de 08 a 12 de setembro de 2021. Conseguimos entrevistar mais 01 indígena que mora em Rubiataba e passamos 02 dias na aldeia, conhecendo e conversando em rodas de conversas com alguns indígenas residentes. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, portanto, só está exposto no trabalho as falas que tiveram consentimento dos indígenas, mesmo as que tiveram estão em anonimato para preservar a identidade e segurança dos dados.

Para Vargas (2020) ao entrevistar é possível obter informações que não estão disponíveis em fontes documentais ou demais publicações. Dentre os assuntos temas nas entrevistas, destacam-se: número de pessoas das famílias; escolaridade; local de nascimento; a relação com os vizinhos não indígenas e com os parentes residentes no Carretão I e II; quais a fonte de renda; tipo de alimentação e se existem manifestações culturais na cidade, tradicionais do seu

---

<sup>1</sup> É um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela internet.

povo. Além dos trabalhos de campo realizados o contato com os indígenas foi permanente por telefone e *watts zap*.

A pesquisa organizada em forma de texto tem 03 capítulos. O primeiro fará uma breve contextualização sobre os povos indígenas no Brasil, no Cerrado e em Goiás. O segundo capítulo apresentará o povo Tapuia, sujeitos dessa investigação e o terceiro capítulo mostrará os resultados encontrados conforme o objetivo geral apresentado que foi de compreender o modo de vida, as novas territorialidades e ressignificações de viver nas cidades de Rubiataba e Nova América de algumas famílias do povo Tapuia.

Ressaltamos os desafios que foi executar uma pesquisa sobre povos indígenas em plena pandemia da COVID-19<sup>2</sup>, iniciada em 31 de dezembro de 2019 na China, foi preciso muita cautela e cuidados para execução dos trabalhos de campo. O desejo era de ter realizado mais visitas de campo, mas, devido o contexto atual foi o possível de se realizar.

---

<sup>2</sup>É uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves, que originou uma pandemia.

## CAPÍTULO I – POVOS INDÍGENAS: breves contextualizações

O primeiro capítulo fará uma breve apresentação sobre os povos indígenas que vivem no Brasil, no bioma Cerrado e no estado de Goiás *locus* da pesquisa.



Foto: Silva, Lorraine Gomes da. Aldeia Tapuia do Carretão. 2018.

“O saber indígena consiste no silêncio dos ventos, no canto dos pássaros, no embalar das folhas, no olhar indígena, no balanço do maracá e na pisada firme. Enquanto existir uma erva, uma árvore ou um rio no planeta, nós povos indígenas existiremos”. (EDILENE BATISTA KIRIRI)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Fonte: [https://www.pensador.com/autor/edilene\\_batista\\_kiriri/](https://www.pensador.com/autor/edilene_batista_kiriri/), acesso: 01/08/2022.

## 1.1 – Povos Indígenas no Brasil

O Brasil desde antes da chegada dos primeiros europeus no dia 22 de abril de 1500 com os portugueses, não era uma terra desabitada, a região costeira possuía uma variedade de povos indígenas. E desde esse momento esses povos sofrem com os impactos desse encontro. De início esses povos foram dizimados pelas doenças e, posteriormente pelas guerras, exploração, expulsão de seus territórios tradicionais e escravidão. Os colonizadores viam os indígenas apenas como força de trabalho que necessitam para prosperarem nessas novas terras (RIBEIRO, 1995, SOUSA 2019). Nesse contexto, Sousa (2019, p. 23) destaca que:

Podem-se constatar as atrocidades que os povos indígenas do Brasil passaram ao longo dos anos, a resistência foi a única forma que eles encontraram para continuar existindo. É resistir para existir. Mesmo enfrentando colonizadores, bandeirantes, fazendeiros, coronéis, muitos povos foram cruelmente dizimados. Não à toa alguns segmentos indígenas dizem que há cheiro de sangue na história do Brasil.

Os processos de sofrimento, exploração e extermínio é algo que acompanha os povos indígenas desde a chegada dos primeiros exploradores no século XV, como fica evidente nas palavras de Sousa (2019) e tantos outros registros de pesquisadores da época, até os dias atuais, ano de 2022.

Os dados demográficos revelam o processo de extermínio sofrido pelos povos indígenas no Brasil. Dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2020) revelam que havia aproximadamente 3 milhões de indígenas, sendo que 2 milhões viviam no litoral do país e 01 milhão no interior nos séculos XV e XVI.

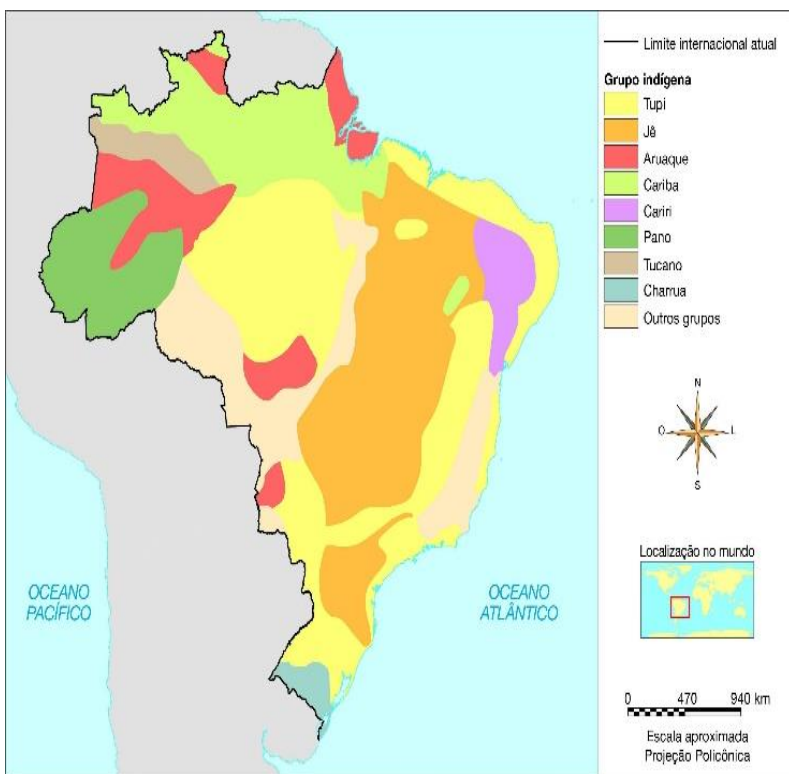
Antes do século XV estima-se que havia no Brasil mais de mil povos indígenas. Até o século XX o extermínio foi intenso, hoje em 2022 segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), são cerca de 896,9 mil indígenas, 305 povos, que vivem em 732 Terras Indígenas. Além da demografia registrada, há mais de 70 isolados e 82 referências de povos não-contatados. As figuras 01 e 02 mostram a comparação da demografia dos povos indígenas antes da chegada dos colonizadores e os dados do último censo de 2010:



Conforme Rodrigues (2013), embora a maioria dos brasileiros tenha a impressão de viver em um país monolíngue, o Brasil é na verdade multilíngue ao considerar as línguas indígenas. Rodrigues (1986) classifica os troncos principais: Tupi (região litorânea), Macro-Jê (planalto Central), Karib (Baixo Amazônia/Roraima/Amapá) e Aruak (Amazônia). Alto Rio Negro (noroeste Amazônico), o sul de Rondônia (sudoeste Amazônico) e o Parque Indígena do Xingu (Alto Xingu), são as regiões com diversidade linguística mais acentuada. A subfamília tupi-guarani, apesar de grande, não é considerada uma família. Ela possui 40 línguas ou dialetos identificados no Brasil e nos países vizinhos, oriundos da língua-mãe tupi-guarani.

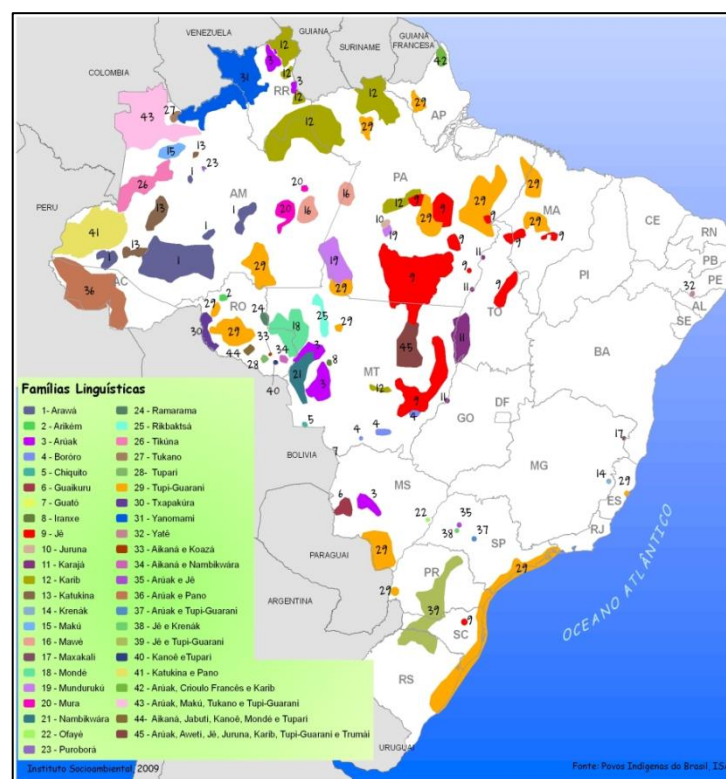
Havia no Brasil cerca de 1.300 (um mil e trezentas) línguas indígenas, das quais 85% não existem mais. Em 2022 há 274 línguas e pertencem mais de 30 famílias linguísticas diferentes. As figuras 03 e 04 mostram a diversidade das línguas indígenas até o século XV antes do processo de colonização e os dados atuais conforme último censo do IBGE (2010):

**Figura 03:** Mapa Línguas Indígenas até o século XV



**Fonte:** ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. Atlas histórico escolar. Rio de Janeiro: Fename, 1977. p. 10.

**Figura 04:** Mapa Línguas Indígenas em 2010



**Fonte:** Instituto Socio ambiental (ISA), Disponível em: <https://www.socioambiental.org/>

Diante do apresentado, os dados demográficos atuais revelam o genocídio e etnocídio que viveram esses povos. Desse modo, temos uma dívida histórica e irreparável com eles, desde quando os colonizadores europeus invadiram o Brasil a partir do século XVI e os chamaram de selvagens, impuseram diversas formas de violência, dentre elas, a catequização, a dominação cultural, e um processo civilizatório pautado no eurocentrismo.

Mota (2011, p. 41) apresenta que o pensamento eurocêntrico pode ser compreendido enquanto um conjunto de ideias dominantes na modernidade, que tem suas origens na Europa, que foi vista como o centro, um modelo padrão 'civilizatório'. As suas dimensões foram utilizadas como referencial para outras sociedades, que ao se diferenciarem dessas dimensões, passaram a ser vistas não só como diferentes, mas, também incorreto e inferior. Devendo ao restante adequar-se aos moldes impostos como um padrão de desenvolvimento.

Além da classificação e julgamento de inferioridade, as marcas do contato interétnico pautado na dominação e confiança indígena conquistada pelos não indígenas através das trocas de presentes, objetos, mercadorias e dinheiro foi avassalador para a cultura de muitos povos originários, e influenciou na transformação da paisagem, do território e na intensificação das ressignificações socioculturais.

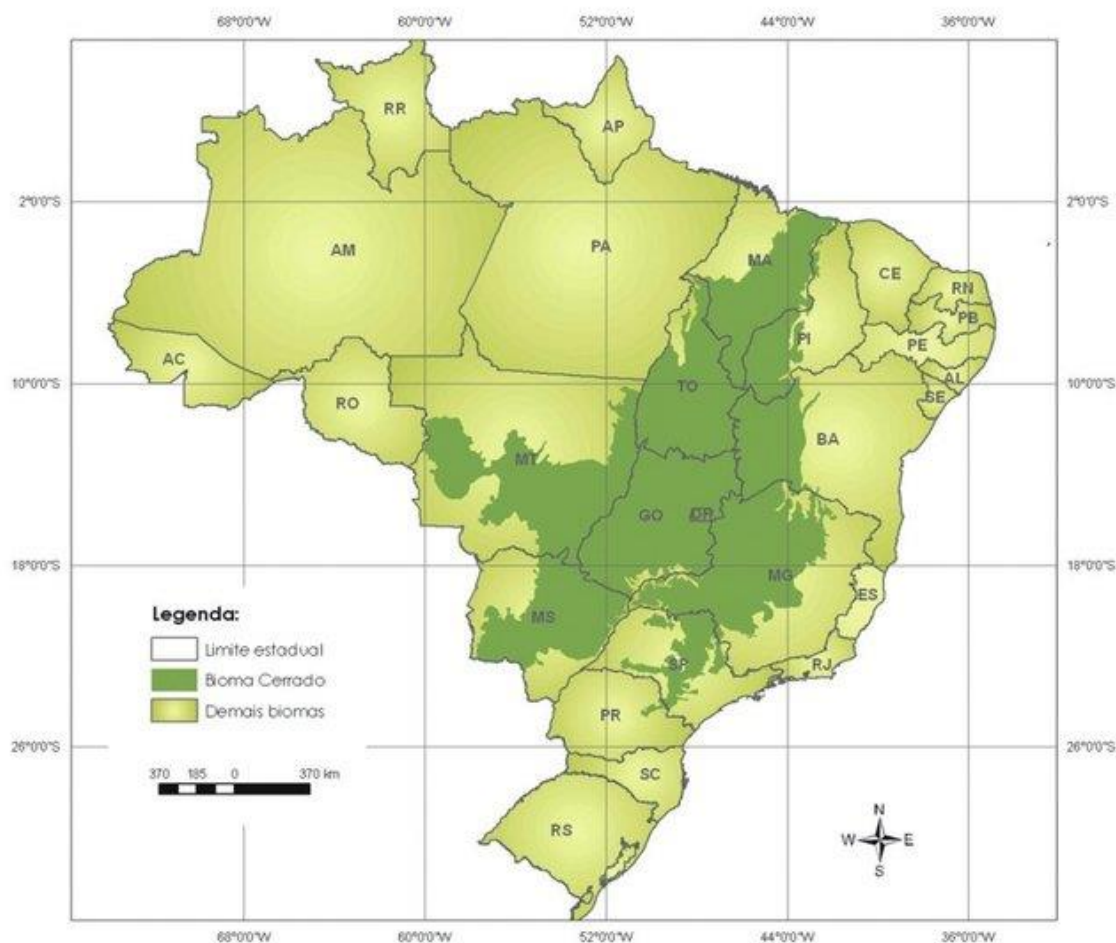
É sabido que o processo de expropriação/expulsão dos povos indígenas e seus territórios, iniciado no século XV, continua latente no século XXI. Em 2022, o cenário de vulnerabilidade biológica e sociocultural é preocupante e mostra que a questão agrária sempre foi e ainda é o cerne dos conflitos dessa natureza no Brasil.

O texto que segue abordará sobre os povos indígenas que vivem no Cerrado, um dos biomas do Brasil, recorte espacial de localização do estado de Goiás, lócus da pesquisa.

## 1.2- Povos Indígenas no bioma Cerrado

O Cerrado é considerado o segundo maior bioma da América do Sul e o segundo maior bioma do Brasil, é encontrado na parte mais central do País, incluindo os estados de Goiás, Tocantins, Maranhão, Piauí, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Distrito Federal. Coutinho (2002, p. 79) avalia que a área nuclear do Cerrado possua aproximadamente 1,5 milhão de km<sup>2</sup>. Contudo, quando adicionadas as extensões encravadas em domínios vizinhos e em faixas de transição poderá chegar a 1,8 ou 2,0 milhões de km<sup>2</sup>, “com uma dimensão tão grande como esta, não é de admirar que aquele domínio esteja representado em grande parte dos estados do Brasil, concentrando-se naqueles da região do Planalto Central, sua área nuclear.”. Como mostra a figura 05:

**Figura 05:** Mapa Localização do bioma Cerrado no Brasil.



**Fonte:** Ministério do Meio Ambiente e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, 2005.

A fauna do Cerrado é composta em sua maioria por aves e, em geral os animais apresentam hábitos noturnos, como forma de sobreviver aos rigorismos do tempo durante as horas do dia. Nesse sentido Coutinho (2002, p. 85) apresenta que

Entre os vertebrados de maior porte encontrados em áreas do cerrado, citamos a jibóia, a cascavel, várias espécies de jararaca, o lagarto teiú, a ema, a seriema, a curicaca, o urubu comum, o urubu caçador, o urubu-rei, araras, tucanos, papagaios, gaviões, o tatu-peba, o tatu-galinha, o tatu-canastra, o tamanduá-bandeira, o tamanduá-mirim, o veado-campeiro, o cateto, a anta, o cachorro-do-mato, o cachorro-do-mato vinagre, o lobo-guará, a jaratataca, o gato mourisco e, muito raramente, a onça-parda e a onça-pintada

De acordo com Chaveiro (2010), o Cerrado possui características físico-territoriais que lhes são peculiares. As potencialidades hídricas, os solos profundos, a condição do relevo com formas altimétricas elevadas, a localização centralizada no país, o coloca em contato orgânico-espacial com outros biomas.

Segundo Coutinho (2016) o clima dominante do Cerrado é o tropical estacional, com predomínio do solo latossolo profundo, formações savânicas, campestres e florestais, apresentando variedades de fitofisionomias. A flora é riquíssima, com mais de 7.000 espécies e a fauna é típica de região aberta. Além de toda essa riqueza, rios brasileiros importantes, como o São Francisco, Tocantins e Araguaia, bem como seus afluentes, nascem no Cerrado.

De acordo com Mota Júnior, Silva e Silva (2021, p. 06) consideram que “além da importância socioambiental, o Cerrado é composto por diferentes povos indígenas e comunidades tradicionais, evidenciando uma riqueza cultural diversa”.

De acordo com dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2021), no Brasil há aproximadamente 738 Terras Indígenas e o Cerrado abriga em torno de 114 delas com aproximadamente 35 povos diferentes (FUNAI, 2018). A maior concentração de TIs está nos estados de MT, MS, TO e MA, os estados GO, PA e MG possuem menos. O estado MT concentra a maior diversidade de povos indígenas, seguido por MS, MA, TO, GO, MG e PA, na respectiva ordem.

Portanto, apesar de toda importância é sabido que o Cerrado tem sido um bioma abruptamente devastado, sobretudo, a partir de 1970, pelas atividades agroindustriais e pela mineração. Segundo Coutinho (2016, p. 64): “entre 1990 e 2010, o Cerrado perdeu 265.595 km<sup>2</sup> de sua vegetação arbórea original. Em 2010, restavam apenas 47% de sua área natural”.

Segundo dados do projeto PRODES Cerrado, desenvolvido e operado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) unidade do Ministério de Ciência Tecnologia e Inovações - MCTI, referentes ao período de agosto de 2020 a julho de 2021, em 12 meses, o Cerrado perdeu área equivalente a quase duas vezes o Distrito Federal. De agosto de 2020 a julho de 2021, foram desmatados mais de 8,5 mil quilômetros quadrados de vegetação nativa (8.531,44 km<sup>2</sup>), como mostra a figura 06, um aumento de quase 8% em relação aos 12 meses anteriores. É o maior índice de desmatamento do Cerrado desde 2016. De acordo com o levantamento, o Estado do Maranhão foi o que apresentou a maior área de vegetação nativa suprimida (2.281,72 km<sup>2</sup>), seguido pelo Tocantins (1.710,55 km<sup>2</sup>), Bahia (925,11 km<sup>2</sup>) e Goiás (920,45 km<sup>2</sup>).

**Figura 06:** Desmatamento do Cerrado



**Fonte:** <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/09/11/dia-nacional-do-cerrado-bioma-ja-perdeu-50percent-da-vegetacao-original-e-pesquisadoras-alertam-para-aumento-do-desmate-e-do-fogo.ghtml>

**Foto:** TV Globo

Esses dados revelam os prejuízos socioambientais da destruição do bioma Cerrado em nome principalmente de atividades da agroindústria (commodities agrícolas) a insegurança hídrica, energética e alimentar que Brasil

pode passar e a desapropriação violenta de povos de seus territórios tradicionais.

Os interesses particulares em explorar os bens naturais imprescindíveis a esses povos parecem querer se consolidar a qualquer custo. Nesse contexto, o mesmo Estado que garante os direitos de comunidades tradicionais e povos indígenas é o mesmo que assina os megaprojetos em suas terras (Agronegócio; Usinas hidrelétricas; Usinas Sucroalcooleiras; Turismo; Mineração; Garimpo ilegal; Construção de estradas, Pontes, Rodovias; Extração de madeira; entre outros).

Diferente dos empreendimentos do capital, comunidades tradicionais e povos indígenas mantem uma relação de simbiose com Cerrado e seus recursos, para reproduzir e produzir saberes ancestrais que compõem os diferentes modos de vida de distintas culturas. O extermínio de povos e suas culturas em detrimento de uma exploração econômica irresponsável e inconsequente para a vida humana, pode ser percebido em qualquer estado brasileiro, como o texto que segue retratará sobre os povos indígenas de Goiás.

### 1.3– Povos Indígenas no Estado de Goiás

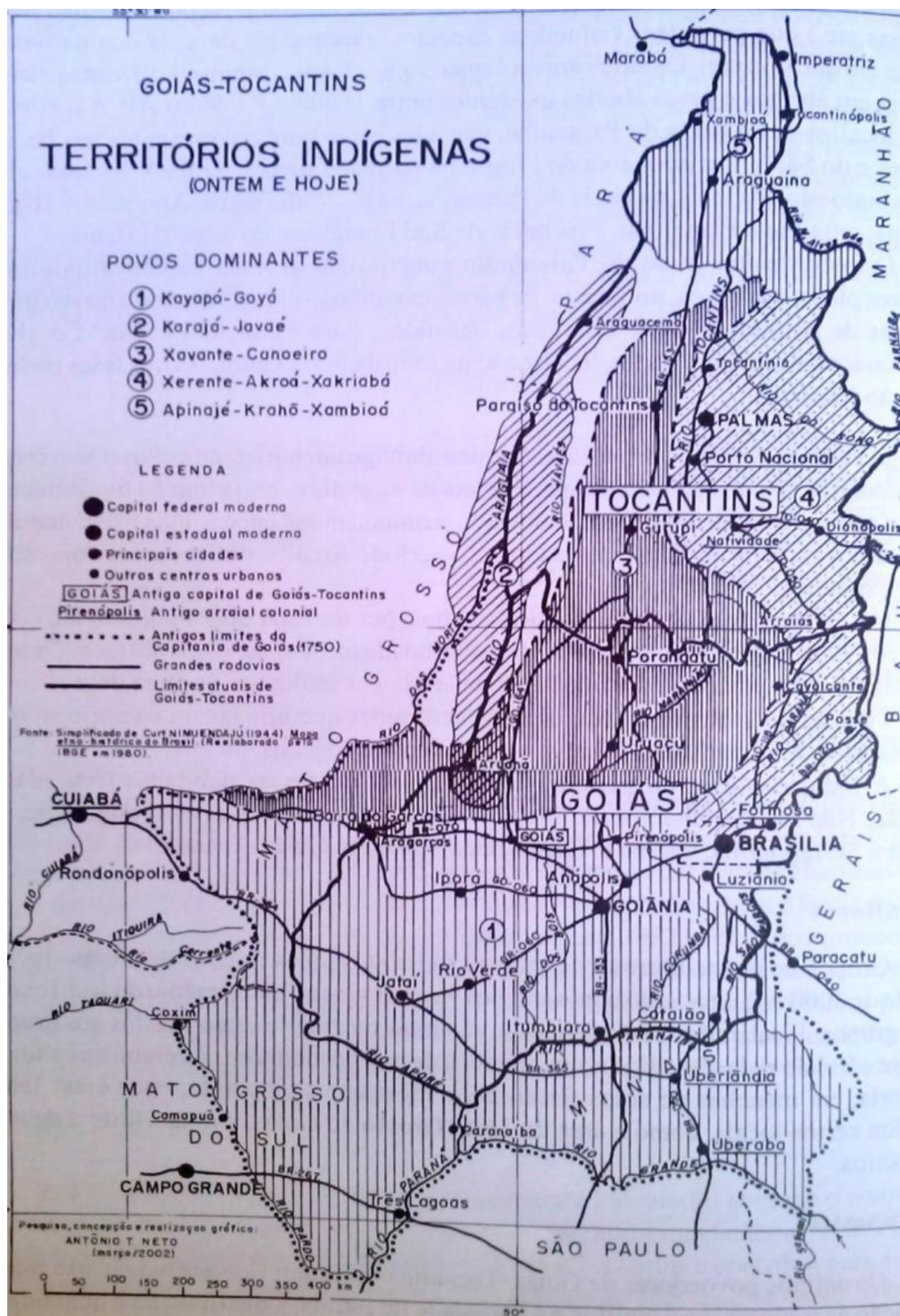
O território goiano, embora tenha apresentado efetivos focos de povoamento por não indígenas a partir do século XVIII, já era conhecido por exploradores desde o final do século XVI. A ocupação permanente deu-se a partir da chegada de Bartolomeu Bueno da Silva, após a descoberta do ouro nessa região. Assim, fundou-se o primeiro povoado do estado recebendo o nome de Vila de Sant'Anna posteriormente nomeado como Vila Boa de Goyas, construída as margens do Rio Vermelho (MELO, 2008). A partir da descoberta do ouro em Goiás, no ano de 1725 iniciou-se o povoamento do território goiano.

Os povos indígenas, residentes seculares desse território, foram escravizados e expulsos de seus territórios tradicionais, com a escassez das minas, os povos, que restaram se recolheram em regiões mais interioranas do estado (RAVAGNANI, 1986-1987).

Estimava-se em Goiás a presença de mais de 20 povos indígenas no século XVIII. Chaim (1983, p. 49-53) ressalta a existência de vários povos indígenas que habitavam em Goiás agrupando-os de acordo com a região em que viviam: Aráe, Arachá, Crichá, Caiapó, Acroá, Xacriabá, Xavante, Canoeiro, Apinagé, Tapirapé, Cururu, Mangariruba, Craya, Javaé, Carajá, Gradáu, Tessemeu e Amadu-guaia-guast.

O levantamento arqueológico retrata com clareza a presença e os deslocamentos desses povos na região Centro-oeste do Brasil. A figura 07 mostra a quantidade de povos indígenas que viviam em Goiás antes da colonização:

**Figura 07:** Mapa Povos Indígenas na região Goiás/Tocantins na época da colonização



Fonte: SILVA, 2016

De acordo com Chaim (1983, p. 50) “Os povos indígenas ficaram sujeitos à violência praticada por seus agentes o que acabou por reduzir as nações indígenas Xacriabá e Avá-Canoeiro, e o extermínio dos índios Goyá, Crixá, Kayapó Meridional, Akroá, entre outros grupos”.

Melo (2008, p. 30) ressalta que desde a segunda metade do século XVI, outros povos indígenas chegam a Goiás compelidos pelos conflitos com os não indígenas nas regiões mais litorâneas do país. Destaca, assim, a chegada dos Tupi, Amoipira, Tupinãe, Tabajara, Aricobé e Tupinambá. Para o autor, quantificar a população indígena em Goiás, anterior a chegada dos não indígenas é impossível, mas de acordo com estimativas seriam aproximadamente 50.000 indivíduos. Os cálculos são imprecisos em decorrência de que, com a chegada dos primeiros exploradores, grupos étnicos inteiros foram exterminados, não restando registros, ou apenas poucas informações como a exemplo os Goya ou Goyazes; do mesmo modo como os Arachá ou Araxá, que foram exterminados pelos Caiapó.

Depois de séculos de extermínio, em 2022, no território goiano existem apenas três Terras Indígenas: do povo Karajá, no município de Aruanã (três áreas descontínuas), do Avá-Canoeiro, entre os municípios de Minaçu e Colinas do Sul, e do povo Tapuia, nos municípios de Rubiataba e Nova América (duas áreas descontínuas)<sup>4</sup>.

O povo indígena Karajá se autodenomina *Iny*, cujo significado corresponde a “nós” ou “nós mesmos”. O nome Karajá é de origem Tupi, cujo significado aproxima-se de “macaco grande” (ISA, 2015). De acordo com Rodrigues (1999), pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê e dividem-se em três línguas: Karajá (GO/MT), Javaé (TO) e Xambioá (TO). Segundo dados do IBGE (2010), o povo Karajá soma aproximadamente 3.000 indígenas que vivem em cerca de 29 aldeias espalhadas ao longo do vale do rio Araguaia e afluentes. O maior quantitativo de aldeias localiza-se na Ilha do Bananal, Tocantins.

O povo indígena Karajá que vive no estado de Goiás, no município de Aruanã. A Terra Indígena (TI) é fragmentada e descontínua em 3 porções e foi

---

<sup>4</sup>Além dessas Terras Indígenas em Goiás, há presença de outros povos que vivem em cidades como os Xavante, Kamayurá, Xinguanos, Chiquitanos, Tapirapé e outros.

homologada em 2000. A TI – I e III estão no estado de Goiás e a II está localizada na divisa de Goiás com Mato Grosso. Na TI-I de acordo com dados da SESAI (2016), 160 pessoas estão organizadas na aldeia *Buridina* que fica no centro da cidade. Na TI – III, 85 pessoas vivem na aldeia *BdèBuré* distante 12 km da cidade, e na TI – II os Karajá tem utilizado o espaço para coleta; criação de animais; caça; trilhas ecológicas; entre outras atividades. O eixo condutor da cosmovisão e reprodução sociocultural do povo Karajá é o Rio Araguaia. A história de origem desse povo conta que vieram do fundo desse rio.

Os primeiros registros sobre os Avá-Canoeiro são do final do século XVIII. Barbosa, Schmitz; Neto (2014) consideram, em cerca de 600 anos, a presença contínua dos Avá-Canoeiro às margens do rio Claro e Araguaia, em Goiás.

O termo “*awã*” na língua Avá-Canoeiro significa “gente”, “pessoa”, “ser humano”, “homem adulto”. O cognome “*canoeiro*” deve-se à habilidade para navegar canoas e *ubás*<sup>5</sup> pelas correntezas dos rios. De acordo com Silva (2005, p.16): “os Avá-Canoeiro autodesignam-se *awã*, ‘gente’, em oposição a *maira*, ‘não-indígena’”. Silva (2005), ressalta ainda que organizados em aldeias, os Avá-Canoeiro mantinham uma forte relação com os rios, deslocando-se com facilidade por eles, além de fazerem da pesca uma prática cotidiana.

O povo Avá-Canoeiro pertence à família linguística Tupi-Guarani, do tronco Tupi. Para Borges (2006, p. 26), o Avá-Canoeiro “é uma língua altamente ameaçada de extinção, devido ao reduzido número de falantes, e praticamente sem documentação disponível e estudos feitos”. Depois dos massacres sofridos e de todo o processo de dispersão espacial, atualmente, os Avá-Canoeiro estão divididos em duas famílias: uma habitando a bacia do Rio Araguaia, em Tocantins (com aproximadamente 30 pessoas), e outra habitando a bacia do Rio Tocantins, em Goiás (08 pessoas).

A importância dos povos indígenas Tapuia, Karajá e Avá-Canoeiro e de suas terras para o território goiano é indiscutível. Elas guardam muitas riquezas e protegem a biodiversidade do Cerrado que ainda resta em Goiás. Os desafios que cada povo tem são peculiares desde o período do contato e continuam sendo, sobretudo nas questões que tangem ao território. Almeida (2019) ressalta

---

<sup>5</sup> Tipo de canoa usada entre povos indígenas brasileiros, talhada em casca de árvore ou escavada a fogo.

que não só os indígenas, mas as comunidades tradicionais do Cerrado persistem na redução dos recursos naturais desse bioma, e sobretudo buscam assegurar a sua sobrevivência.

O texto que segue será sobre o povo Tapuia sujeitos da pesquisa.

## CAPÍTULO II

### POVO TAPUIA DO CARRETÃO (GO): entre a aldeia e as cidades

O segundo capítulo subdivide-se em duas seções, a primeira teve como objetivo realizar o contexto histórico e socioespacial do povo Tapuia e a segunda mostra a caracterização dos municípios de Nova América e Rubiataba e os indígenas que vivem nas duas cidades.



Foto: Silva, Lorraine Gomes da. Povo Tapuia do Carretão (GO). 2019.

Estamos experienciando a febre do planeta e aparentemente, uma parcela significativa da humanidade não está percebendo – ou, então, está negando. O aumento da temperatura do planeta vem como uma reação; mostra que o organismo Terra está reagindo às ações predatórias e destrutivas dos seres humanos, mas estamos tão centrados em nós mesmos que somos incapazes de ouvir esse descompasso. “Nos descolamos do corpo da Terra”. Fizemos um divórcio, acreditando que poderíamos viver por nós mesmos. Com uma condição: extrair, dominar, explorar tudo o que vem de Gaia. Nos divorciamos desse organismo que nos abriga, mas estamos a todo instante a usurpá-lo. (AILTON KRENAK)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Fonte: <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/>. Acesso:01/08/2022.

## 2.1 - Povo Tapuia: contexto sócio-histórico e geográfico

O Povo Tapuia está localizado em 3 estados brasileiros: Goiás, Ceará e Rio Grande do Norte. Tapuia de acordo com Moura (2006) é um vocábulo de origem tupi, utilizada de maneira genérica para designar os indígenas que habitavam as regiões interioranas do Brasil, no início da colonização portuguesa. Conforme Silva, Rosa e Matos (2021, p.04):

O termo Tapuia é genérico e serviu para designar todos os povos que não tinha etnia definida. Vários agrupamentos de indígenas que viviam em aldeamentos receberam esse termo Tapuia (Xavante; Xerente; Karajá; entre outros). Isso, gerou posteriori graves problemas identitários, sobretudo, marcados pela ausência da língua indígena, sendo alvo de preconceitos e discriminação pelos não indígena. Essa classificação de Tapuia perdurou por mais de quatro séculos.

Há duas grafias para o nome Tapuia (no feminino) quando se refere ao nome do povo e Tapuio no masculino quando se refere aos homens. Tapuia quer dizer na língua Tupi “bárbaro” ou “inimigo”, mas, o nome Tapuia é uma palavra em português e não sofre variação, pois é um adjetivo de dois gêneros, desse modo, cabe ao povo escolher a nomenclatura que mais aproxima à sua identidade.

Conforme Schwartz (2001), todos os outros povos que não falavam o tupi-guarani foram denominados tapuias. Com isso a imagem do povo Tapuia ficou duplamente distorcida, pois as informações sobre eles chegaram através da visão dos portugueses e dos seus informantes, os tupinambás, por isso o que se sabe sobre seus costumes é um tanto vago. Os tapuias pertenciam a vários troncos culturais e linguísticos, alguns grupos eram os jês, os caraíbas e os cariris. Outros foram obrigados a deixar de falar a sua língua indígena. A maioria dos tapuias habitava o interior, assim tiveram menor contato com os portugueses nos primeiros anos da colonização.

Moura (2006), considera que os Tapuia era um povo nômade, paravam apenas em locais em que houvesse abundância de alimentos, coletavam mel, frutas e caçavam animais. Tinham respeito pelas forças da natureza, o trovão, a lua e o sol.

A presente pesquisa foi realizada com o povo Tapuia localizado no

estado de Goiás, em particular os indígenas que saíram da aldeia para morar nas cidades vizinhas Nova América e Rubiataba. Conforme Silva, Rosa e Matos (2021, p.06):

O povo Tapuia do Carretão tem sua história iniciada no processo histórico de colonização da Província de Goiás, no decorrer das políticas de construção de aldeamentos indígenas implementadas pela Coroa portuguesa, no século XVIII. A formação sócio-histórica do Povo Tapuia, que assim como de vários povos no Brasil, é pautada em políticas de aldeamentos, contatos interétnicos, processos civilizatórios, escravização; catequização, entre outras formas opressoras e violentas utilizadas pelos colonizadores europeus que aqui chegaram no século XV.

No século XVIII, as políticas de aldeamento indígena se estenderam ao Brasil Central como parte da interiorização do projeto colonial português, de modo a conciliar os interesses da Coroa, da Igreja e da sociedade em formação. Em Goiás foram construídos 06 aldeamentos indígenas. O aldeamento Carretão que alojava o povo Tapuia, foi o último a ser construído, em 1788.

A início os aldeamentos contavam com a administração dos jesuítas que logo foram substituídos pelo Estado. No caso de Goiás, os primeiros atritos entre Igreja e governo se deu por volta do ano de 1754, quando os jesuítas perdem do comando dos Aldeamentos de Duro e Formiga. Os aldeamentos nesse período tinham como objetivo agrupar povos indígenas em determinada região, com o propósito de expropriá-los de seus territórios tradicionais para a exploração, e, uma tentativa de colonização desses povos, além de utilizá-los como mão-de-obra. Para Bicalho; Oliveira e Machado (2018, p. 1556):

Os aldeamentos, portanto, se constituíram em uma política indigenista imposta pelos invasores para legitimar o trabalho escravo e servil, além de forçar o relacionamento interétnico, inexistente até então entre os povos indígenas, com o intuito de se apropriarem de suas terras.

De acordo com Borges (2013) por volta do ano de 1835 o aldeamento do Carretão entra em um processo de 'decadência' devido o desinteresse do governo em mantê-lo. Destaca que esse desinteresse se deu por conta do fim das minas existentes na região, fazendo com que o aldeamento não possua mais

interesse. Dessa forma provoca um relativo isolamento da população indígena que ali vivia, 'o grupo que ali vivia ficou abandonado à própria sorte.

No ano de 1979 os Tapuia remanescentes do Carretão buscam apoio junto a FUNAI, para denunciar a tomada de suas terras e requerer a proteção para as terras que ainda restava ao seu povo. Até as duas primeiras décadas do século XX, o povo Tapuia vivia no local do antigo aldeamento Carretão. A Terra Indígena começou a ser estudada e delimitada pela FUNAI em 1983, em 1984 foi demarcada e homologada. Mas, apenas em dezembro de 1999 ocorreu a retirada dos posseiros. Segundo Rodrigues (2018, p. 146):

A luta fundiária dos Tapuias é constante e intensa, desde o século XIX, promovendo conflitos na região e transformações substanciais na vida da comunidade. Graças à sua incansável luta em defesa do território, os Tapuias estão conseguindo a reapropriação de suas terras e o desenvolvimento de meios de sustentabilidade para seu povo, no que diz respeito à subsistência e à preservação do meio ambiente, da cultura, da educação e da língua.

De acordo com os dados locais da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI, 2022), o povo Tapuia em Goiás, formam uma comunidade de aproximadamente 220 indígenas que vivem na aldeia, 30 pessoas em Rubiataba e 12 em Nova América. Além de outros indígenas que moram em distintas cidades<sup>7</sup> e estados do Brasil. Estes, não entram no censo demográfico da aldeia e não se sabe se são computados nos censos das cidades em que vivem, por isso não se sabe ao certo quantos Tapuia estão vivendo fora da TI.

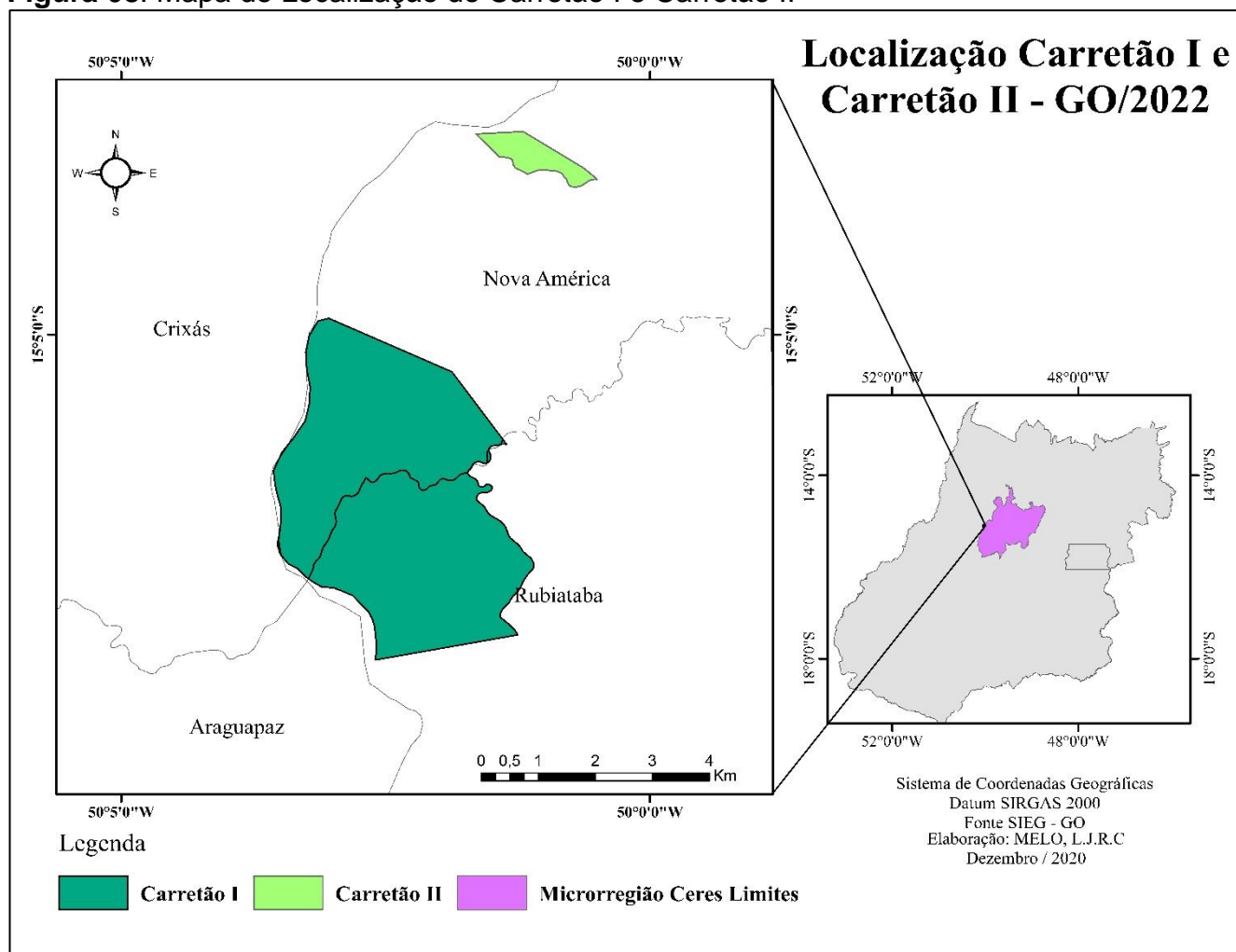
A Terra Indígena do Carretão<sup>8</sup> do povo Tapuia fica 48km distante de Rubiataba e 26km de Nova América. São os municípios mais próximos da aldeia, por isso a escolha em estudar os indígenas que acabaram indo morar em uma das duas cidades. A figura 08, mostra a localização da Terra Indígena Carretão (áreas I e II) em 2022:

---

<sup>7</sup> Consultar figura 01,

<sup>8</sup> Carretão em homenagem ao rio Carretão que passa dentro da TI.

**Figura 08:** Mapa de Localização do Carretão I e Carretão II



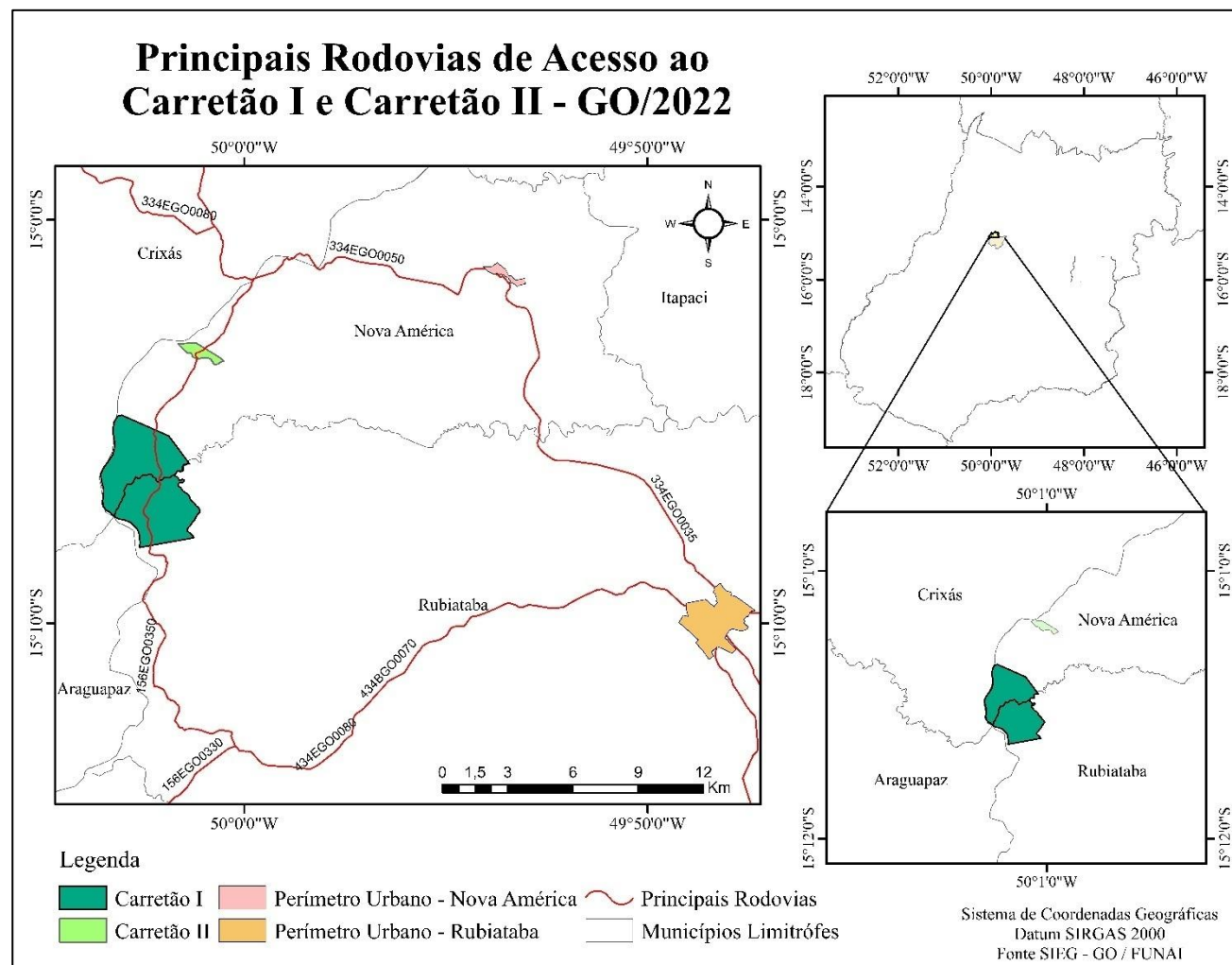
**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base em SIEG-GO; FUNAI (2020).

A Terra Indígena é composta por duas glebas não contínuas: a gleba 1, subdividindo-se em 1-A, localizada no município de Nova América, e 1-B, localizada no município de Rubiataba, totalizando 1.666 hectares; e a gleba 2, localizada também no município de Nova América, com uma área de 77 hectares. As duas glebas perfazem um total de 1.743 hectares. Em 2022, há um processo judicial pedindo demarcação para outra porção de terra, que ficou fora da atual. As vias de acesso ao Carretão I e II se dão por duas rodovias a GO 334 e GO 434:

O acesso ao Carretão dá-se, partindo de Rubiataba, por dois caminhos. Pela rodovia estadual GO 334, no sentido Rubiataba/Mozarlândia, passa-se por Nova América, até o entroncamento com a GO 156, esta última no sentido Crixás/Morro Agudo, que corta a Terra Indígena, passando ao lado de sua sede. Outro caminho utiliza a GO 434, até Wanderlândia, de onde toma a GO 156, na direção de Crixás (GO) (JOSÉ NETO, 2005, P.39).

A figura 09 mostra que as principais vias de acesso

**Figura 09:** Mapa das Principais Rodovias de Acesso a T.I. do Carretão



**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em dados SIEG/GO, FUNAI.

Na figura 08 é possível observar a localização da T.I. do Carretão e suas glebas, sendo a GO 156 a que corta todo o território Tapuia.

De acordo com Silva (2013), cada família Tapuia tem seu lote de terra, as casas são construídas no espaço da aldeia de maneira bem semelhante dos camponeses, distantes umas das outras. A autora ressalta ainda que:

A língua do povo é o português-Tapuia. Compassada e simpática, cheia de atrativos e de alta capacidade de receber o Outro, inclinada às tramas do lugar mais que aos desvelos universais da cultura, o modo de falar Tapuia foi um argumento utilizado pelos fazendeiros para também negar a identidade indígena (SILVA, 2013, p.12).

Rodrigues (2018, p.134), considera que:

Devido às políticas coloniais vigentes no aldeamento Carretão, no século XVIII, o Povo Tapuia passou por um processo de integração linguístico-cultural e, agora, em função disso, sua identidade indígena é constantemente contestada por indígenas e não indígenas. Para a sociedade, os Tapuias “não são índios, porque não têm nem língua nem jeito de índio”. Os Tapuias, por sua vez, defendem sua ancestralidade indígena, vinculando-a ao aldeamento Carretão, que vigorou nos séculos XVIII e XIX.

Portanto,

O Português Tapuia é a expressão do sentimento de pertencimento ao ser indígena e ao ser Tapuia no Carretão. Para além de fonemas, morfemas, monemas, sememas, sintagmas, frases e orações, as línguas têm palavras que constroem sentidos, que contam histórias armazenadas, mantidas em silêncio e em segredo, em nome da sobrevivência do povo. A língua de um povo é muito mais que gramática e léxico, é sentimento, é vínculo com o passado, com a realidade e com a irrealidade. Ao reconhecer o Português Tapuia como sua língua indígena, os Tapuias se reconhecem e se assumem, ao mesmo tempo, indígenas e Tapuias. Há uma visível mudança de atitude sociolinguística na comunidade, com relação a ser e a se reconhecer falante de Português Tapuia e com relação a ser Tapuia e, assim, ser indígena. O processo de autoaceitação é o próprio processo de etnogênese e vice-versa (RODRIGUES, 2018, P.148)

O povo Tapuia do Carretão, tem um processo histórico de formação, que arremete desde a criação do aldeamento até os dias atuais. E em decorrência da

inserção na região, dos não indígenas, a criação de municípios na região, experienciam os processos dessa interação. As tradições são mantidas, mas ao mesmo tempo existe a interação com um modo de vida não-indígena.

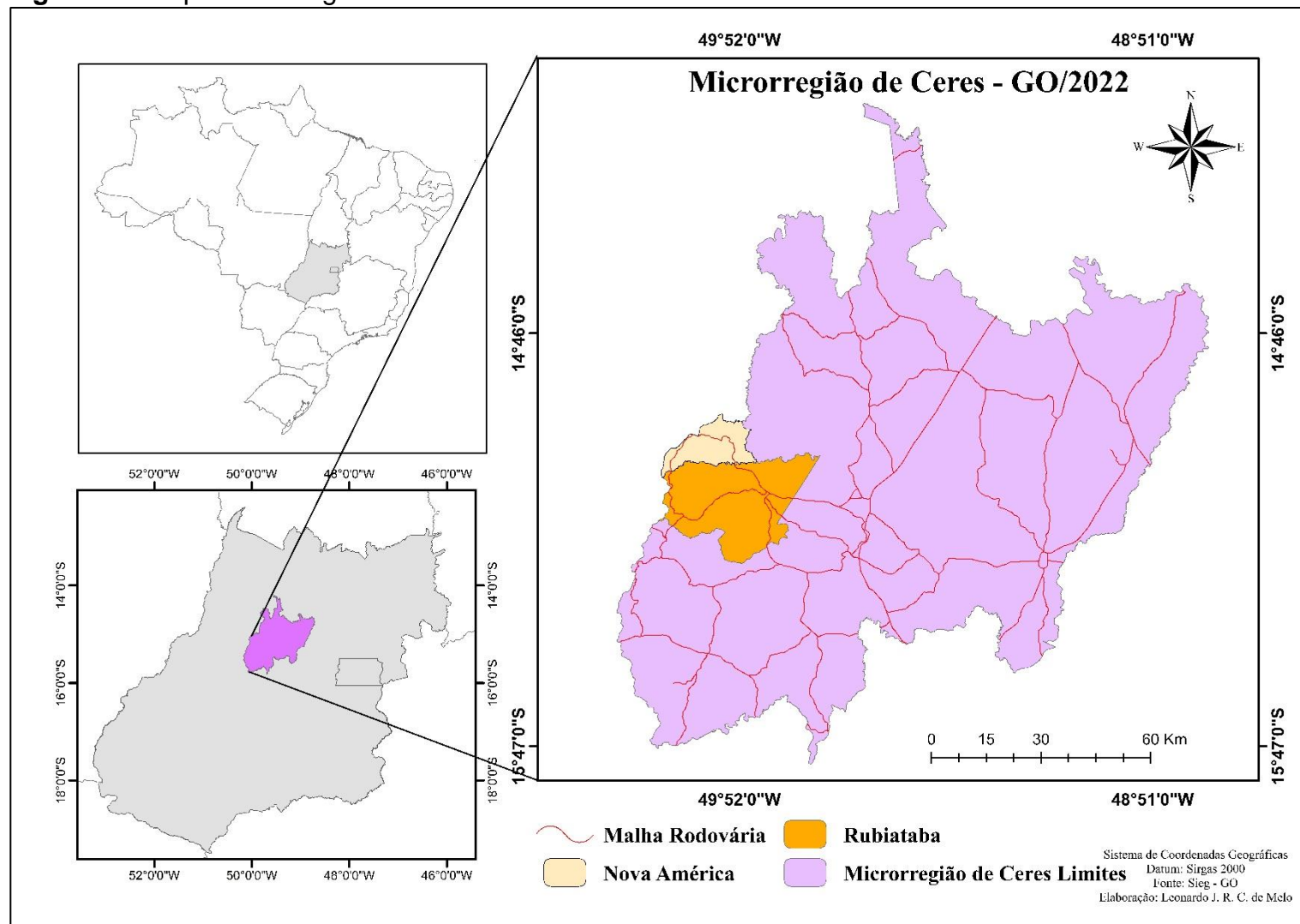
O texto que segue apresentará as cidades de Rubiataba e Nova América, o recorte socioespacial da pesquisa.

## **2.2 – Rubiataba e Nova América: indígenas urbanos**

Os Tapuia embora possuam T.I. existe um processo de mobilidade temporária entre a aldeia e as cidades vizinhas Rubiataba e Nova América, esta pode ser temporária (compras diversas; ir à igreja; visitar amigos e parentes, entre outros) ou fixa (quando os indígenas saem da aldeia e fixam moradia em uma das duas cidades estudadas). A mobilidade faz parte do processo histórico desse povo, realizada para atender várias necessidades que serão apresentadas no capítulo 03.

Nova América e Rubiataba são municípios goianos e compõem regiões de planejamento de Microrregião de Ceres e da Região do Vale do São Patrício (IMB, 2021) (figura 10).

**Figura 10: Mapa Microrregião de Ceres – GO**



Fonte: Elaborado pelo autor, com base em SIEG-GO (2021).

Barbalho; Silva e Giustina (2015, p.473) apresentam que a microrregião de Ceres se encontra encravada na região conhecida como Mato grosso de Goiás. Essa região já havia sido descrita pelo naturalista Saint-Hilaire (1779-1853), que a detalha como sendo uma região composta por manchas florestais de tamanhos variados, tendo sido pouco explorada no início da colonização. Durante o século XVIII houve a exploração mineraria ao redor da região e nos séculos XIX e XX com o esgotamento dos recursos minerais houve o inicialmente o domínio a pecuária subseqüentemente da agricultura. Os autores destacam a colonização mais intensa da região, que ganha destaque pós 1900, acarretando um intenso crescimento populacional, o desmatamento, que produziu a alteração da paisagem, além do avanço da fronteira agrícola.

Nesse contexto Silva; Barbalho e Franco (2013, p. 230) destacam

Essa microrregião foi descrita em documentos históricos como parte da área florestada de Cerrado em Goiás conhecida como Mato Grosso de Goiás. Ela recebeu um grande afluxo de imigrantes nas décadas de 1940 e 1950, impulsionadas pelas políticas governamentais de colonização, conhecida na época como Marcha para o Oeste. A partir de 1935, o Interventor do Estado, com base na legislação de terras, favoreceu a ocupação de áreas devolutas na região das Matas de São Patrício – segundo Faissol, essa era a parte com maior cobertura florestal do Mato Grosso de Goiás –, o que, mesmo sem a efetiva contribuição do estado no processo de assentamento de famílias, divulgou a doação de terras, gerando o primeiro surto migratório para a região. Em 1941, com a criação das colônias agrícolas nacionais, o governo estadual doou à União uma ampla área na região das Matas de São Patrício, para a construção da primeira colônia agrícola nacional, Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), dando origem aos municípios de Ceres.

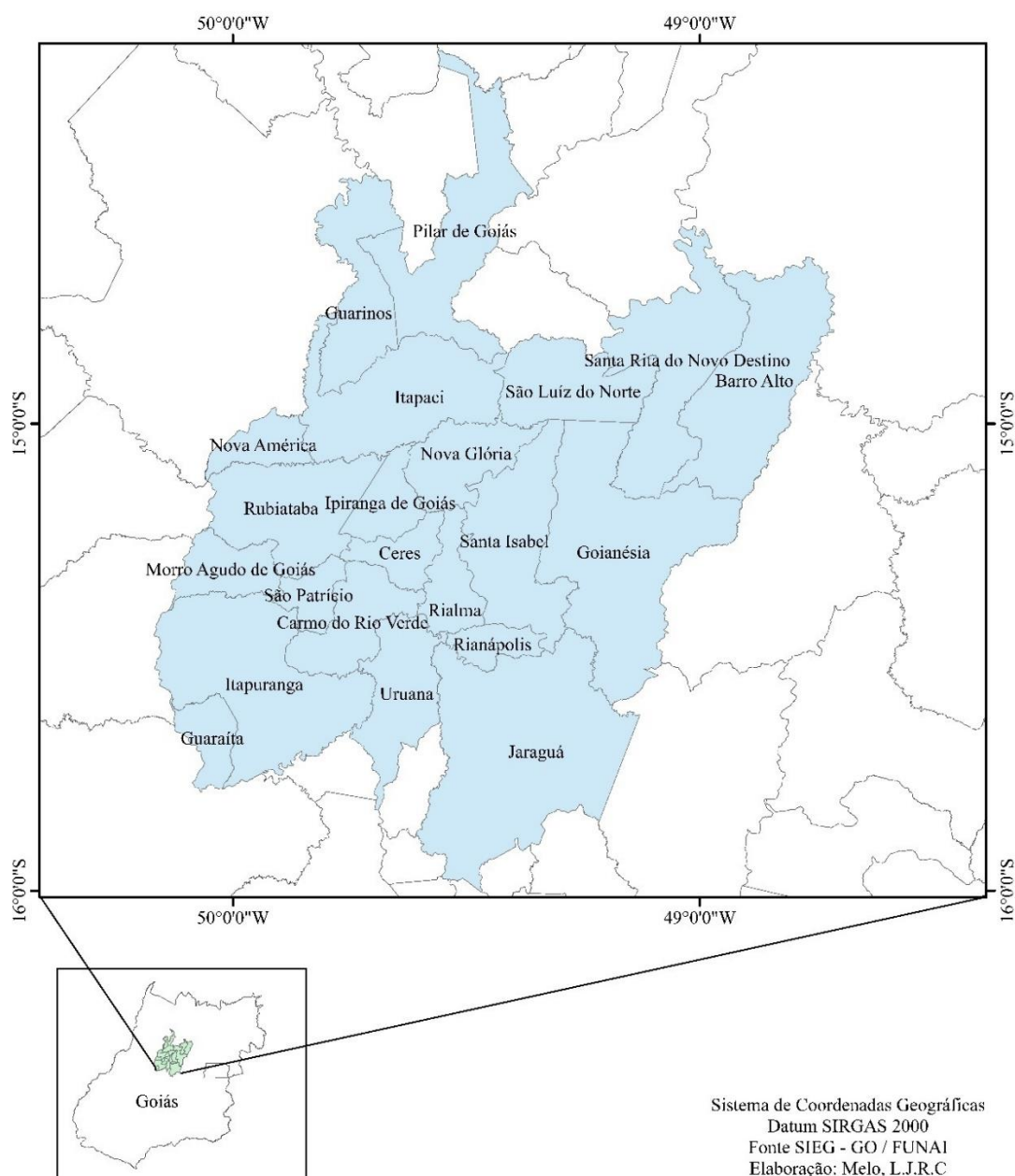
A microrregião de Ceres de acordo com dados do Instituto Mauro Borges (IMB, 2022) é constituída por 22 municípios: Barro Alto, Carmo de Rio Verde, Ceres, Goianésia, Guaraíta, Guarinos, Hidrolina, Ipiranga de Goiás, Itapaci, Itapuranga, Morro Agudo de Goiás, Nova América, Nova Glória, Pilar de Goiás, Rialma, Rianópolis, Rubiataba, Santa Isabel, Santa Rita do Novo Destino, São Luiz do Norte, São Patrício e Uruana.

A Região do Vale do São Patrício localiza-se no centro-norte do Estado de Goiás e, possui uma extensa área com potencialidade para o desenvolvimento da agricultura e pecuária, potencial esse que fez com que

durante as décadas de 1940 e 1950, deu-se início a um processo tardio da colonização dessa região. É importante avultar que mesmo durante esse processo de colonização as primeiras levas de migrantes foram em busca ainda do ouro, não se atentando para as possibilidades agrícolas da região (DO VALLE, 2016, p, 12) (figura 11).

**Figura 11:** Mapa Localização da Região do Vale do São Patrício - Go

### Localização do Vale do São Patrício - GO/2022



**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base em SIEG-GO (2022)

De acordo com Ávila (2009, p.33) o povoamento da Região do Vale do São Patrício é resultado direto da criação da CANG, a partir de 1938, que tinham como objetivo ocupar os vazios demográficos principalmente em Mato Grosso, Maranhão, Amazonas, Pará e Goiás. Nesse sentido tinha-se o propósito de incorporar essa região ao processo de produção agrícola do país, especialmente em decorrência do declínio da hegemonia cafeeira no centro Sul.

Ávila (2009, p. 37) ressalta que com a implantação da CANG na região do Vale do São Patrício, reacende conflitos fundiários com o povo Tapuia. Esses conflitos se acentuam a partir de 1940, e não decorrem simplesmente por conta da instalação das colônias agrícolas, em áreas reivindicadas pelo povo Tapuia, mas também derivam do processo de grilagem que ocorre naquela região. Visto a ameaça do seu território o povo Tapuia passa a reivindicar proteção e garantia, além da legitimação de parte da terra usada pelo povo.

A região estabelecesse enquanto um polo agrícola, fornecendo alimentos para outras regiões de Goiás, a partir do declínio da agricultura na região estabelecem-se na região usinas de processamento de cana-de-açúcar como observa Do Valle (2016, p. 10)

[...]Com os estímulos dados para a adoção de técnicas mais modernas de produção, pelos governos estabelecidos após o golpe militar de 1964, outras regiões mais próximas dos centros consumidores e de topografia mais adequada à produção, foram lentamente substituindo o Vale como fornecedor de alimentos para os grandes centros. Ainda como parte de todo esse processo, instalaram-se usinas de cana-de-açúcar em vários municípios da região (Goianésia, Itapaci, Carmo do Rio Verde, Rubiataba), o que fez com que para o produtor não fosse mais economicamente interessante produzir em sua propriedade, já que o arrendamento de terras para a produção de cana-de-açúcar tornou-se mais interessante[...]

Nesse sentido o autor adverte

Constata-se que a preocupação ambiental quase não existia nesse período, sendo preocupação relativamente recente também na região. O Vale do São Patrício, como todo o Estado de Goiás, começou tardiamente a se preocupar com o meio-ambiente, sendo que os primeiros projetos visando a conservação e a recuperação de áreas degradadas datam da década de noventa. 11 Dentro desse contexto essa temática se

faz muito atual e relevante para a região do Vale do São Patrício. Na realidade esta é uma preocupação que deve estar presente em todos os cantos do mundo. Os recentes fenômenos de secas prolongadas em regiões sem histórico de grandes estiagens, e de chuvas torrenciais em regiões acostumadas com precipitações moderadas, lançou a questão ambiental à população, passando a ser tema de conversas e de demoradas reportagens nos principais jornais do país (DO VALLE, 2016, p, 10-11).

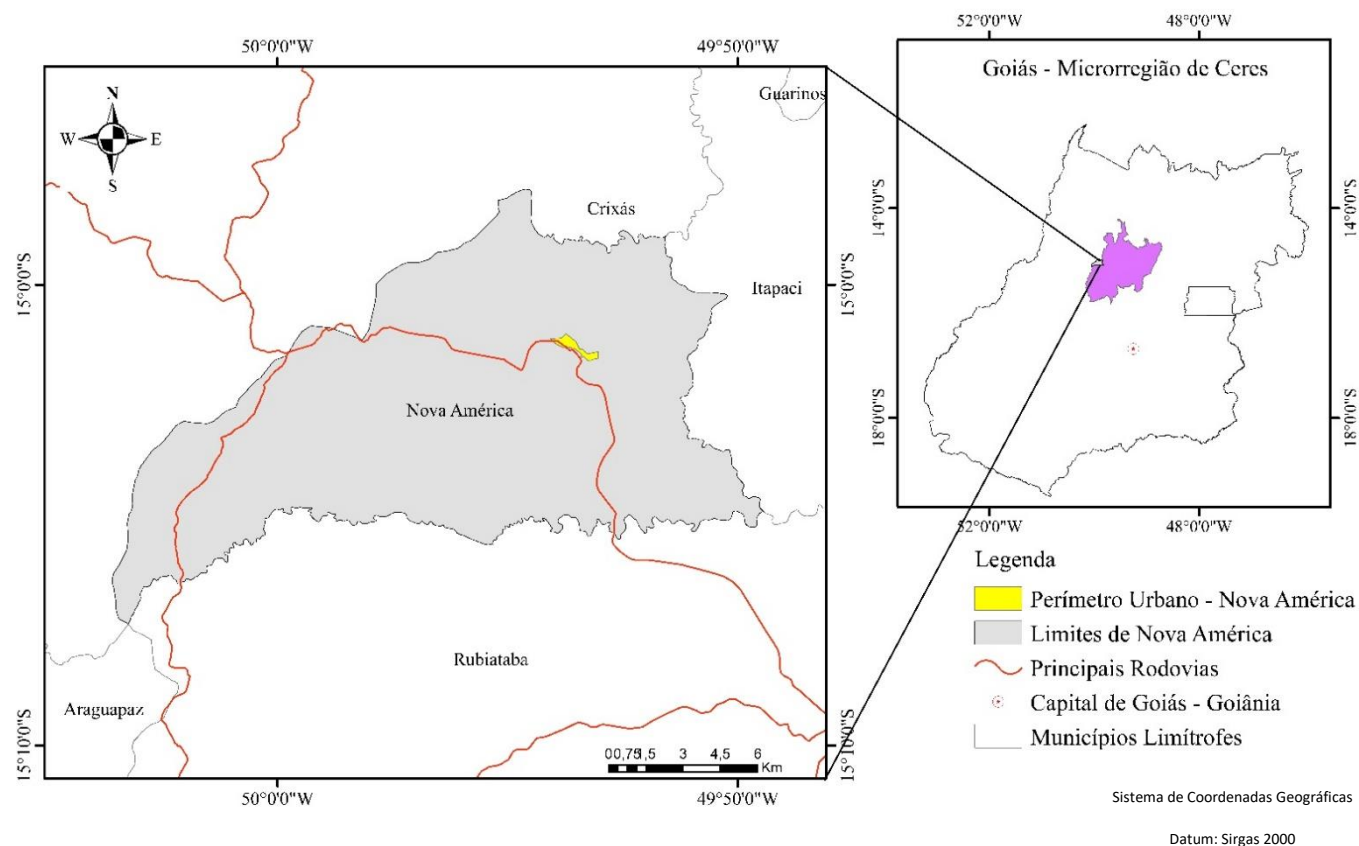
O autor supracitado destaca que a partir dessa mudança quando ao uso da terra na região impacta de maneira direta, ao ambiente, e conseqüentemente a vida das pessoas que moram na região mudança de velhos hábitos, e especialmente no uso da água. E essa situação também acaba reverberando no povo Tapuia, visto que ocorre alterações nos ciclos hidrológicos na região, dificultando a produção e, a especulação fundiária sobre os seus territórios.

### **2.2.1 – Município de Nova América (GO)**

O município de Nova América tem suas origens as margens do Córrego Baunilha no ano de 1944, tem como base econômica quando atividades agrícolas iniciaram na região, em 1952 quando surgiu então, o povoado de Baunilha que posteriormente recebeu o nome de povoado de Nova América, mais ainda subordinado ao município de Itapaci, figura 12.

**Figura 12:** Mapa de Localização do Município de Nova América – GO/2022

### Localização do Município de Nova América - GO/2022



**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base em SIEG-GO (2022)

O desenvolvimento da pecuária e agricultura, garantiu o crescimento econômico de Nova América, possibilitando no ano de 1958 sua emancipação política. O município possui uma área territorial de 212,025 km<sup>2</sup>. De acordo com o último censo realizado pelo IBGE (2010) Nova América tinha 2.259 (dois mil duzentos e cinquenta e nove) habitantes, e a população estimada para o ano de 2021 é de 2.362 (dois mil trezentos e sessenta e dois), (IBGE, 2021), portanto, o censo está atrasado e até o presente momento junho de 2022 não foi feito. A figura 13 mostra imagens parciais do município de Nova América:

**Figura 13:** Fotografia Mosaico de edificações no município de Nova



América/Go

**Fonte:** Arquivo Pessoal do autor. Trabalho de Campo 10 de set. 2021. (A) Entrada da Cidade de Nova América – GO/334. (B) Avenida América do Couto. (C) Câmara Municipal de Nova América. (D) Fachada do Colégio Estadual Alvanir Faria dos Santos.

Nova América fica 260km distante da capital. As rodovias que cortam o município são: GO/334 e GO/156. A base econômica em 2022 ainda é a agricultura e a pecuária, dentre os principais produtos destacam-se a criação de gado, produção de leite e criação de galinhas. Entre a produção agrícola que

mais se destaca é a plantação de cana-de-açúcar, mandioca e grãos, com destaque para a soja e milho.

A paisagem observada ao longo da GO/334 de Rubiataba a Nova América é marcada pelo Cerrado, pequenas propriedades de terras, áreas de plantações com destaque para a cana-de-açúcar (ver figura 14).

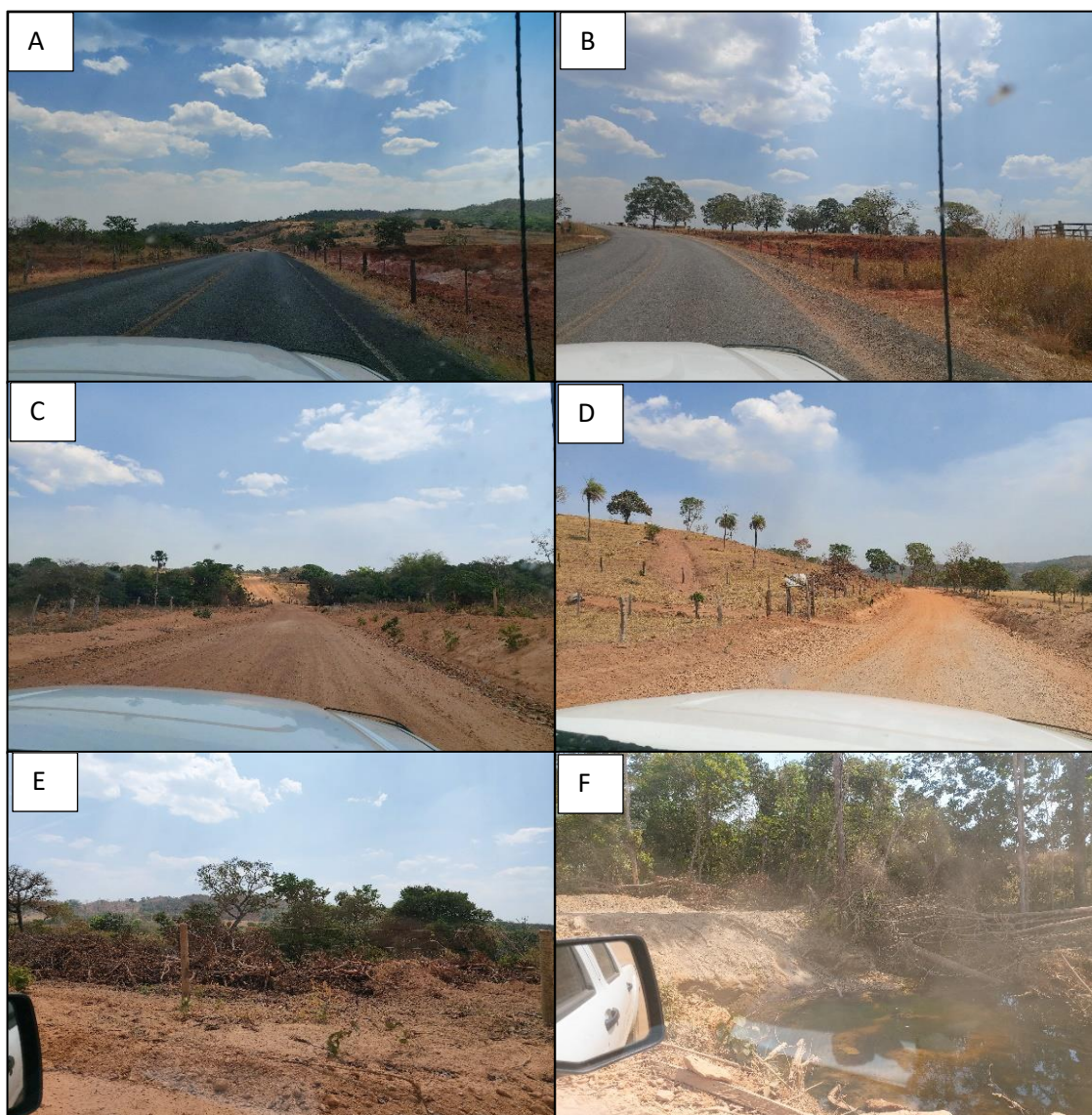
**Figura 14:** Fotografia Mosaico de propriedades rurais as margens da rodovia GO/334



**Fonte:** Arquivo Pessoal. Trabalho de Campo 10 de set. 2021. (A) Indicação GO/334 – km 38. (B) Plantação de cana-de-açúcar. (C) Formação arbórea típica do Cerrado. (D) Propriedade rural as margens da rodovia

O trajeto entre Nova América e o Carretão possui duas rodovias, GO/334 e GO/156, marcada por áreas de pastagens, criação de gado e Cerrado. É importante destacar que a GO/156 a partir de seu entroncamento com a GO/334, sentido Carretão não se encontra asfaltada e, possui pontes em mau estado de conservação, o que provoca a dificuldade de mobilidade para os Tapuia em seu trajeto para Nova América. Nesse perímetro é observável áreas desmatadas as margens da rodovia (ver fotografia 03).

**Figura 15:** Fotografia Mosaico margens da rodovia GO/334 e GO/156

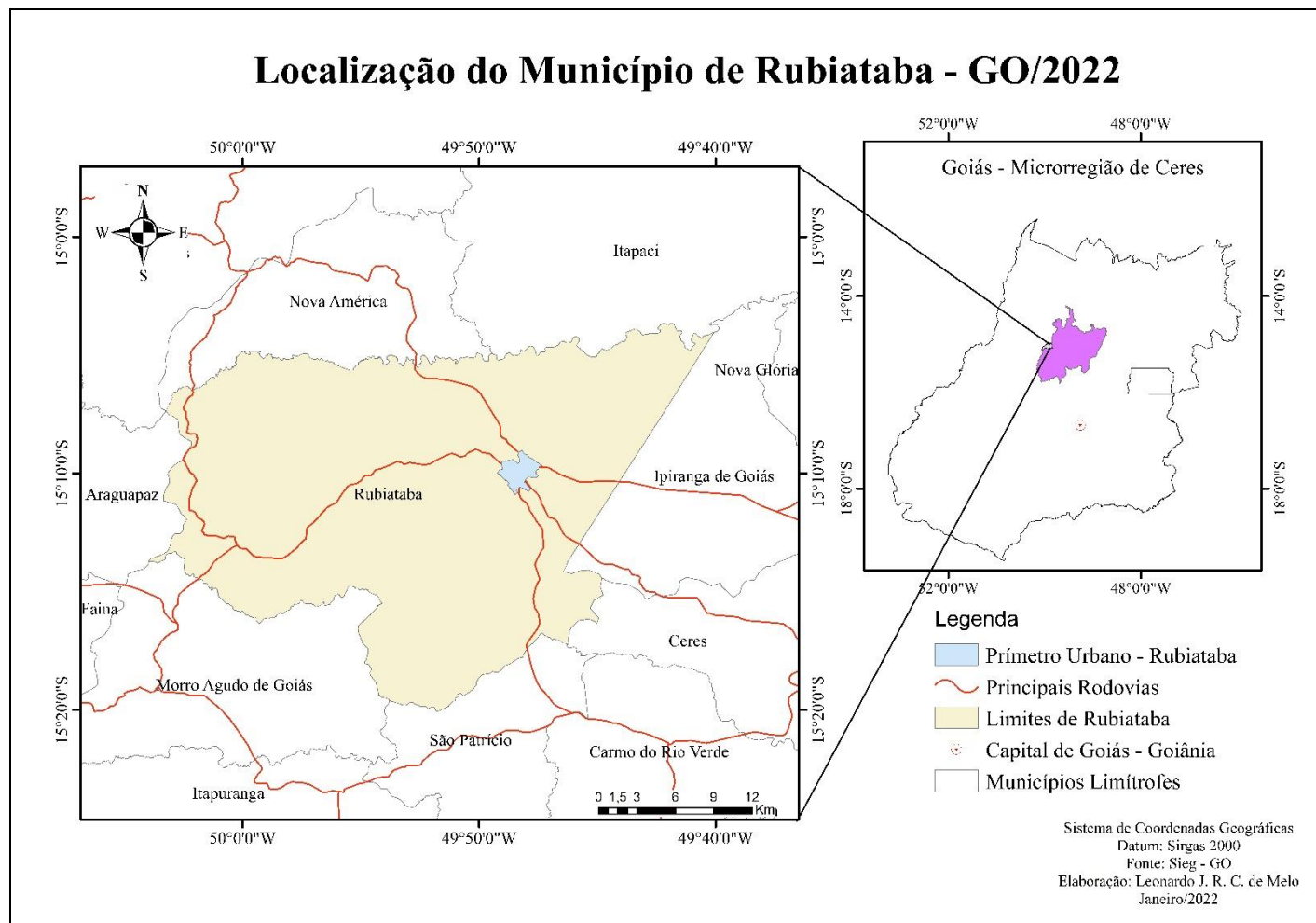


**Fonte:** Arquivo Pessoal. Trabalho de Campo 10 de set. 2021. (A) e (B) Rodovia GO/334. (C) e (D) Rodovia GO/156. (E) e (F) Área de Desmatamento as margens da GO/156

### 2.2.2 – Município de Rubiataba (GO)

De acordo com Silva (2017) as origens desse município remontam entre as décadas de 1930 a 1950, período em que ocorrem profundas transformações na região do Vale do São Patrício. Estas décadas foram marcadas pelo governo do ex-presidente Getúlio Vargas, assinalando um momento em que buscavam um povoamento mais intensivo das regiões interioranas de Goiás. Um fato decisivo que contribuiu para surgimento do município de Rubiataba foi a criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) naquela região (figura 16).

**Figura 16:** Mapa de Localização do Município de Rubiataba – GO/2022



**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base em SIEG-GO (2021)

Silva (2017) destaca ainda que o povoamento da região aconteceu por meio de um processo que denomina de colonização oficial, em decorrência da instalação da CANG. A construção de Rubiataba teve como contexto o de dar suporte logístico a colonização da Região do Vale do São Patrício, algo que ocorreu com o apoio do governo goiano.

Antes da formação do povoado nas localidades na qual posteriormente resultaria na cidade de Rubiataba-Go, formaram-se primeiro os povoados de Valdelândia (há 26,5 km pela go-434) e Bragolândia (há a 11 km pela go-478). o povoado de Bragolândia foi constituído por migrantes advindos do Estado de Minas Gerais, tendo esse nome com referência à família “Braga” os primeiros a se situarem no local, no qual, logo após chegaram outras famílias também advindas de Minas Gerais. (SILVA, 2017, p. 44)

A região recebe um grande fluxo de migrantes<sup>9</sup> agricultores. A base econômica é a criação de gado e a agricultura de subsistência, sendo cultivados arroz, feijão seguido pelo cultivo do café, sendo destaque na produção agrícola. Sobre a produção de café Silva (2017, p. 45) destaca “sendo este da família da rubiácea, e que motivou e deu origem ao nome da cidade, dando a etimologia Rubia = rubiácea e taba = aldeia, devido os aldeamentos indígenas que caracterizavam a região Centro-Oeste”. Nesse sentido, Silva (2017, p. 47) destaca

O início do processo de formação do povoado deu-se na região localizada à margem direita do Rio Novo, entre os córregos da Serra, Cipó e Barra Funda, sendo uma área praticamente plana e que já era composta por uma grande quantidade de agricultores que ocupavam o local.

A criação de agrovilas<sup>10</sup> impulsionou o povoamento da região e partir da grande produção agrícola, e com o interesse em abastecer a futura capital do Brasil, surge a motivação para a formação do município de Rubiataba. A concessão para criação do povoado de Rubiataba ocorreu no ano de 1948.

---

<sup>9</sup> De Minas Gerais são os mais encontrados.

<sup>10</sup> As agrovilas constituíam-se de unidades agrícolas de produção que foram implantadas em áreas de terras, que eram cedidas ou adquiridas pelo Estado e doadas a terceiros.

Sendo elevado à categoria de município no ano de 1953 assim surge Rubiataba, permeada por um processo de povoamento intensivo na região do Vale do São Patrício, com interesse na produção agrícola. De acordo com IBGE (2010), tinha uma população de 18.915 habitantes, sendo 16.184 urbanos e 2.731 rural. A estimativa para a população do município para o ano de 2021 era de 20.012 habitantes, (IBGE, 2021).

**Figura 17:** Fotografia Mosaico rodovia GO/478 e propriedades no município de Rubiataba



**Fonte:** Arquivo Pessoal. Trabalho de Campo 10 de set. 2021. (A) Placa na GO/478, ressaltando o potencial moveleiro de Rubiataba. (B) Estofados Solar. (C) Laticínio Cooper Agro. (D) Laticínio Nutri Vale

A taxa de crescimento da população é de 0,51% ao ano, conta com uma densidade populacional de 25,28 hab./km<sup>2</sup>. O IDH<sup>11</sup> do município é de 0,719 e a taxa de mortalidade<sup>12</sup> de 14,8 (por mil nascidos vivos)

O município de Rubiataba fica a 213 km da capital, Goiânia e é cortado pelas BR/156, 251 e pela GO/334. Em 2022, a principal fonte de empregos na cidade é a CooperRubi uma usina de produção de açúcar, etanol e energia; Estofados Solar empresa de fabricação de moveis, entre outras como laticínios, empresas de construção civil e comércio como lojas supermercados bares e lanchonetes, (figura 17).

No trajeto entre Ipiranga e Rubiataba GO/434 é possível identificar vários tipos de cultivos como plantações de banana, guariroba e, destaque para extensas plantações de cana-de-açúcar. ser desse modo, a região acaba sendo um polo na produção de biocombustível em especial etanol. Existem também permeada as densas paisagens de cana, áreas de pastagens e criação de gado e por propriedades rurais de pequeno e médio porte.

Os principais municípios que os Tapuia visitam com frequência ou moram são Nova América e Rubiataba, por uma condição de proximidade, mas, não se limita aos dois. Através dos trabalhos de campo foi possível elaborar um quadro sobre as principais cidades que muitos indígenas escolheram viver.

---

<sup>11</sup>O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é um indicador, que busca avaliar o bem-estar social de uma população, entre os itens abordados estão riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros.

<sup>12</sup> A taxa de mortalidade é um índice que tem como objetivo apresentar a quantidade de mortes em um determinado período, de acordo com determinada população. A taxa é produzida verificando o número de mortes por cada 100 habitantes.

**Figura 18:** Quadro com a Estimativa De Famílias Tapuia Residentes Fora Do Carretão

<b>Localidade</b>	<b>Estado</b>	<b>Parentes residentes fora da Aldeia (aprox.)</b>
<b>Nova América</b>	Goiás	12 pessoas
<b>Rubiataba</b>	Goiás	30 pessoas
<b>Morro Agudo</b>	Goiás	3 tias e primos
<b>Mozarlândia</b>	Goiás	3 famílias
<b>Crixás</b>	Goiás	6 famílias
<b>Nova Crixás</b>	Goiás	—*
<b>Araguapaz</b>	Goiás	2 famílias
<b>Aruanã</b>	Goiás	2 famílias
<b>Itapaci</b>	Goiás	1 família
<b>Itaberaí</b>	Goiás	1 família
<b>Goiânia</b>	Goiás	15 famílias
<b>Cocalinho</b>	Mato Grosso	1 família
<b>Poxeréu</b>	Mato Grosso	1 família
<b>São Felix</b>	Pará	1 família
<b>Portugal</b>	—	—**

Fonte: Trabalho de Campo 11 de set. de 2021. Organizado pelo autor

A figura 18 demonstrou a estimativa de famílias Tapuia residentes em cidades. É possível observar que os municípios de Nova América e Rubiataba, depois de Goiânia, possuem, somados, tem o maior número de pessoas.

O próximo capítulo e último irá discutir sobre os motivos das mobilidades e deslocamentos; quais e como são as ressignificações e o novas territorialidades provocadas na vida indígena; e como as políticas públicas urbanas incluem os indígenas na realidade e serviços sociais das cidades que estão vivendo.

---

\*Apesar de saber da existência de parentes não souberam estimar.

\*\**Idem* item anterior

### **CAPÍTULO III – TERRITÓRIO E VIDA INDÍGENA DO POVO TAPUIA DO CARRETÃO NAS CIDADES DE RUBIATABA E NOVA AMÉRICA (GO): deslocamento e ressignificações socioculturais**

O terceiro capítulo apresenta ressignificações e novas territorialidades advindas do deslocamento de indígenas do povo Tapuia para as cidades de Rubiataba e Nova América- GO.



Foto: Silva, Lorraine Gomes da Silva. Povo Tapuia do Carretão (GO), 2019.

“É preciso conhecer os seus ancestrais, para poder saber defender, ainda mais quando você é mulher indígena. Hoje não há o que comemorar – porque nós lutamos hoje pelas mesmas coisas que os nossos antepassados lutaram. O momento atual é muito mais difícil que no passado – na colonização era matar e civilizar – hoje ainda é matar e evangelizar. Minha tataravó morreu queimada e dizendo essa terra é nossa. Ser indígena é saber que a luta está aí – ela continua – pelas as mesmas coisas. Quando eu cai e retornar a terra e meus ancestrais me receberem espero que eles fortalecem os que ficaram para continuar lutando”. (EUNICE PIRKODI CAETANO MORAES TAPUIA).<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Fonte: Comunicação Oral. Palestra realizada em 2021, na disciplina Povos e Comunidades Tradicionais do PPGEQ/UEG, Cidade de Goiás.

### 3.1 – Sujeitos da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada com o povo Tapuia em particular os indígenas que saíram da aldeia para morar nas cidades vizinhas Nova América e Rubiataba. O objetivo foi compreender o modo de vida, as novas territorialidades e ressignificações de viver na cidade.

Foram realizados 03 trabalhos de campo, nas cidades de Nova América e Rubiataba, sendo que no primeiro fomos até a aldeia que fica 56km de Rubiataba.

O primeiro campo aconteceu de 07 a 11 de dezembro de 2020, fomos até a aldeia e visitamos os dois municípios que fazem parte do recorte espacial da pesquisa Nova América e Rubiataba. Contactamos o cacique do povo Tapuia por telefone para falar sobre a pesquisa, pedir consentimento para execução e permissão para uma visita. Passamos uma tarde apenas na aldeia e foi possível conseguir com o cacique contatos de telefone de alguns indígenas que moram nas cidades. Isso facilitou uma aproximação inicial e informações trocadas por *whatsaap*,<sup>14</sup> e depois tivemos os primeiros contatos com alguns indígenas. Com os dados iniciais coletados foi possível realizar o texto para a qualificação que ocorreu no dia 14 de janeiro de 2021.

O segundo trabalho de campo foi realizado de 04 a 09 de março de 2021. Foram realizadas entrevistas com 04 indígenas residentes em Nova América e 06 em Rubiataba. O local das entrevistas foi na casa de cada indígena. Essa estadia nas duas cidades foi um momento muito importante para o avanço da pesquisa.

O último trabalho de campo foi realizado de 08 a 12 de setembro de 2021. Conseguimos entrevistar mais 01 indígena que mora em Rubiataba e passamos 02 dias na aldeia, conhecendo e conversando em rodas de conversas com alguns indígenas residentes. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, portanto, só está exposto no trabalho as falas que tiveram consentimento dos indígenas, mesmo as que tiveram estão em

---

<sup>14</sup> O *WhatsApp* é um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela internet, disponível para smartphones Android, iOS, Windows Phone, Nokia e computadores Mac e Windows. O programa tem mais de 1,5 bilhão de usuários ativos mensais espalhados por mais de 180 países.

anonimato para preservar a identidade e segurança dos dados.

A idade das pessoas entrevistadas, variou entre de 30 a 86 anos, sendo 03 (três) do sexo masculinos e 08 (oito) do sexo feminino. A figura 19 mostra a distribuição das entrevistas por cidade:

**Figura 19:** Quadro com a Relação de Tapuia entrevistados

	Local de nascimento	Cidade de residência atual	Idade	Sexo
Entrevistada A	Ceres	Rubiataba – Go	30	Feminino
Entrevistada B	Ceres	Nova América – Go	36	Feminino
Entrevistada C	Rubiataba	Rubiataba – Go	41	Feminino
Entrevistada D	Nova América (Zona rural)	Nova América – Go	43	Feminino
Entrevistada E	Carretão	Rubiataba – Go	44	Feminino
Entrevistada F	Carretão	Rubiataba – Go	50	Feminino
Entrevistada G	Carretão	Nova América – Go	52	Feminino
Entrevistada H	Carretão	Nova América – Go	53	Feminino
Entrevistado I	Carretão	Rubiataba – Go	56	Masculino
Entrevistado J	Carretão	Rubiataba – Go	56	Masculino
Entrevistado K	Carretão	Rubiataba – Go	86	Masculino

**Fonte:** Organizado pelo autor. Trabalho de Campo 2021

Os dados do quadro 02 revelam que a maioria dos participantes da pesquisa foram mulheres entre 30 e 53 anos. Dessas, 04 moram em Nova América e 03 em Rubiataba; 07 são casadas e possuem filhos (as) e apenas 01 é solteira. Dos homens a idade está entre 56 a 86 anos, os 3 são casados com mulheres não indígenas e todos moram em Rubiataba.

O texto que segue irá analisar como os deslocamentos desses indígenas da Terra Indígena Carretão para as cidades de Nova América e Rubiataba pode promover ressignificações culturais, identitárias e linguísticas bem como novas territorialidades.

### 3.2 – Deslocamentos: modo de vida e ressignificações socioculturais

Os deslocamentos indígenas da aldeia para as cidades no Brasil não é recente. Acontecem desde meados do século XX, quando, entre as décadas 1950/1970, uma primeira onda de mão de obra chega às metrópoles para trabalhar na construção civil. Posteriormente, nos anos noventa, após a

Constituição de 1988 e a ampliação da rede de ensino, esses deslocamentos se tornaram mais recorrentes, sobretudo, de estudantes.

Nunes (2010) ressalta que o processo de apropriação dos espaços urbanos, por povos indígenas suscita questões consideradas desafiadoras, no que se refere às etnologias indígenas e envolvem-se com situações e relações não típicas do universo indígena. Dentre as quais destaca as relações de consumo, dependência de mercadorias industrializadas e o próprio sistema capitalista de sobrevivência, pois são elementos que alteram aspectos para a sobrevivência do indígena na cidade.

Os processos de envolvimento entre o mundo indígena e o mundo citadino não indígena tornam-se de sobremaneira complexos. Nesse sentido Nunes (2010, p. 10) destaca:

Os universos indígenas com os quais viemos a nos familiarizar envolvem-se, cada dia mais, com processos de nosso próprio mundo, como, por exemplo, o consumo, os processos de monetarização, de dependência de mercadorias industrializadas, o dinheiro etc. Se evoco este exemplo, o do capital, e não outros – a lista poderia se estender até quase o infinito: conversão religiosa, educação escolar, formação acadêmica/intelectual ou técnica, modos de socialidade, modos de se vestir, modos de comer, modos de pensar... –, é por toda a carga que ele traz, pelo peso que a economia tem em nossa própria forma de organizar e dar sentido à experiência mundana.

O modo de vida indígena transforma o próprio indígena, assim como transforma o espaço onde se vive. O deslocamento para as cidades interfere nas suas práticas sociais e, nesse contexto, as relações se espacializam, corroborando com a elaboração, ou não, de territorialidades indígenas no urbano.

De acordo com os últimos dados do IBGE (2010), há no Brasil mais de 800.000 indígenas que vivem nas grandes cidades 38,5% deles, principalmente em São Paulo, mas também em Manaus, Boa Vista, Rio de Janeiro e tantas outras cidades brasileiras. Isso representa muitos desafios para a vida indígena, pois, não é apenas mudar de paisagem, casa, ir em busca de emprego e melhores condições de vida – é deixar na aldeia muitos costumes do cotidiano e tradições. Nesse contexto: Quais são os motivos que levam indígenas tomar uma decisão tão difícil e muitas vezes violenta?

Os entrevistados dessa pesquisa responderam que entre os motivos mais frequentes estão (figura 20):

**Figura 20:** Quadro Principais motivos do deslocamento da T.I. Carretão/GO, para as cidades

Entrevistada	O que motivou a saída do Carretão
Entrevistada A	Em busca de emprego
Entrevistada B	Em busca de emprego e continuar os estudos
Entrevistada C	Mudou-se para a cidade com a mãe, quando esta foi em busca de emprego
Entrevistada D	Em busca de emprego e continuar os estudos
Entrevistada E	Em busca de emprego
Entrevistada F	Em decorrência problemas de saúde na família, em busca de assistência médica especializada e em busca de emprego
Entrevistada G	Em busca de emprego e continuar os estudos
Entrevistada H	Em busca de emprego
Entrevistada I	Em busca de emprego
Entrevistada J	Em busca de emprego e continuar os estudos
Entrevistada K	Em decorrência a problemas de saúde na família, em busca de assistência médica especializada

**Fonte:** Organizado pelo autor. Trabalho de Campo 2022

Os depoimentos trazem mais elementos para os motivos e ou justificativas. Conforme a entrevistada G:

Não tinha acesso de dinheiro, por exemplo, para comprar um caderno. É, quando que acontecia de ganhar um caderno, era de as vezes quando vinha caderno, eles doavam uns caderno, uns caderninhos né?! Para gente estudar. Então, assim era uma coisa muito difícil, toda vida eu tive vontade de estudar, mais como as coisas era muito difícil, e as vezes, até a gente deixava a dificuldade, passar na frente e não enfrentar. Mais ai, assim, eu gosto lá da aldeia, vontade de ficar mais tempo morando lá, porque a gente é de lá da região, a gente tinha, mais enfim, mais não teve como, e pegou e teve que sair, para fora, para pegar os trens de casa, para começar a trabalhar fora, para ganhar o seu dinheirinho. Para poder manter a gente né?! Que a gente é fraco de situação, tinha que caçar um meio de espernear fora, e tabalhar, para ter um dinheiro, para comprar uma roupinha, o seu calçado, e até mesmo ajudar, eles em casa, a cuidar dos outros irmãos meus, que era pequeno, e eu sou a mais velha, e ai, veja bem! A gente, e ai, então é assim, no caso eu falo essas terras lá, tinha tanta vontade assim, por exemplo, que sabe que é de

usufruto dos Tapuias, quando uns as vezes trabalha, outros já deixa muito a desejar, não faz muita coisa nada. E eu, assim na fase de 13, 14 anos, que eu sai de casa, para começar a trabalhar com serviço doméstico, em casa de família, eu assim, aprendi muito a valorizar o meu trabalho. O meu serviço né?! Eu aprendi assim, que a gente não pode ficar trabalhando e jogando, o suor da gente fora, por que não é fácil. E, ai sim, tem essas terras lá, que chama assim, se lá, que no caso, é uma terra indígena, de usufruto dos indígenas. Então, tanto é que, praticamente, quase não leva a gente, que só é para usar lá, né?! Por exemplo, uma terra que é do governo, governo federal, e eu fico assim imaginando. Gente, tinha tanta vontade de trabalhar lá. (ENTREVISTADA G, 2021)

A entrevistada G, deixou evidente a intenção dela quando decidiu sair do Carretão e o que a motivou, o seu desejo de estudar e de trabalhar, para poder adquirir produtos de sua necessidade e poder ajudar a sua família. Em seu relato ela conta que ao sair da Aldeia por volta de 13 a 14 anos se mudou para Ceres onde trabalhou em 'casa de família' como doméstica, ficando nesse emprego por um período de seis anos. A saída desse emprego só se deu após o seu casamento, pois, ela e seu esposo mudaram para o município de Nova América. Mesmo com a saída do Carretão ela demorou concluir seus estudos, devido a escolha do casamento e de filhos, portanto, não abandonou seu sonho e em 2018 concluiu o ensino superior.

Outro entrevistado também justifica a saída da aldeia pela necessidade de trabalho, ele diz que:

É, a vontade mesmo de sair, de trabaiair, de ganhar um dinheirinho a mais. Foi o que eu fiz, sabe! Lá quase não tinha serviço nenhum naquela época, de quando eu morava lá. Era na roça mesmo! Plantava uma rocinha, era mais isso mesmo. Era um lavrador mesmo. Né?! E quando a gente queria mais serviço, saia para fora, para trabalhar, era um hábito nosso! É! Tinha vez, que a gente ia para longe, para poder trabalhar. Mais se quisesse arrumar um dinheirinho, tinha que sair longe, para poder trabalhar, naquela época lá, senão. Inclusive quando eu tava lá, não tinha nem energia ainda. Era muito difícil lá! (ENTREVISTADO I, 2021)

A falta de hospital na aldeia e uma assistência médica mais adequada é também motivo de alguns indígenas, sobretudo, os que necessitam realizar tratamento de saúde, saírem da aldeia. Para a entrevistada F:

Mais foi porque, tinha uma filha deficiente, que nasceu sem visão né?! Ai, começou os tratamentos dela com 15 dias de nascido, ai para mim, lá era mais difícil, está levando, que ficava de quinze em quinze dias, de mês em mês, de dois em dois meses, sempre com ela em Goiânia, ai para mim para é mais fácil né?! Com recurso! (ENTREVISTADA F, 2021)

Nota-se na fala da entrevistada F, que o deslocamento com frequência da aldeia para as cidades mais próximas em busca de um tratamento de saúde para a filha, contribuiu para a mudança definitiva para Rubiataba. Ela considera ainda que:

Quando eu mudei para cá, minha filha mais velha, tinha dois meses, e hoje se ela tivesse viva, estaria com trinta anos, então quer dizer que tem trinta anos. (...). [Ao ser questionada se mudou sozinha ela responde] “Não! Eu vim com o pai dos meus filhos, né?! ‘São’ separados, ele veio cortar cana, e eu vim e fiquei morando aqui com ele” (ENTREVISTADA F, 2021).

A precarização da vida indígena nas cidades brasileiras é constante e real. Não tem direito e acesso aos bens e serviços essenciais. São forçados a trabalhos pesados e com baixa remuneração. Assim, vão sobrevivendo a tantas barbáries e descasos do poder público local. De tanto lutar a filha da entrevistada F, foi uma das vítimas de morte pela COVID 19<sup>15</sup>.

Como na aldeia muitas vezes não há possibilidade de renda, nem projetos coletivos, muitos buscam as cidades para trabalhar como disse o entrevistado J:

O motivo, lá foi o seguinte, que na época lá eu não ganhava nada. E você falando ai, eu vim para cá, para trabalhar para curti a minha família. Ai, eu vim para cá, empreguei aqui, e tô trabalhando até hoje. Eu vim mais a muié e mais as duas meninas. E casei, criei elas, ficou um meu, lá com a minha mãe. Minha mãe, criou ele, e ele tá lá até hoje, e até falei, que era para vim mais eu, para cá, para (...) (ENTREVISTADA J, 2021).

No mesmo sentido apresenta a entrevistada D, ao ser questionada sobre até quando morou no Carretão e como se deu sua mudança

---

<sup>15</sup>A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. (BRASIL. Ministério da Saúde, 2021).

Morei lá! E assim, eu vim para cá no Nova América, bem nova! Mais a minha infância foi lá. Uai! Lá tá assim, na época minha mãe passava muita dificuldade, com a gente né?! No trabalho, e tudo novo né?! Ai, foi isso. Veio, eu a minha mãe, e os meus irmãos! Os meus irmãos mais novos. (ENTREVISTADA D, 2021)

Devido aos deslocamentos aldeia-cidade, diferentes culturas vão compondo o mesmo espaço-território como disse Bonnemaizon (2002).

No caso dos Tapuia residentes em Nova América e Rubiataba – Go, a fronteira entre T.I. e cidade, deve ser compreendida e analisada de maneira bastante cuidadosa, pois, como pondera Almeida (2005, p. 104), trata-se de “uma categoria ambígua e pouco discutida na Geografia”, desse modo, transfigura-se enquanto um limite social, delimitando nossas realidades de outras. Existe um modo de vida e práticas culturais típicas do povo Tapuia que ao se mudarem para as cidades são reelaboradas a um estilo urbano de ser.

O reconhecimento das fronteiras, ao que se refere a constituição de um território Tapuia urbano, torna-se relevante, dado que, esse é um dos elementos presentes na estruturação do próprio território pelos sujeitos, mesmo que essas fronteiras não sejam fixas ou até mesmo físicas/materiais.

A fronteira, nesse contexto, possui um caráter fluído, pois não se apresenta de maneira rígida na trama do espaço-tempo, perpassando por uma complexidade de territórios e seus aspectos constitutivos: espacial, econômico, social, cultural e subjetivo, desde a sua materialidade física até mesmo aos aspectos simbólicos perceptivos.

Almeida (2005) destaca que ao mesmo tempo em que os sujeitos estão imbuídos em uma realidade, esses também se aproximam de outras, muitas vezes desconhecidas. Essas outras realidades ignotas são até mesmo ausentes de suas referências espaciais e culturais.

A forma de representações da fronteira é desigual entre os diversos segmentos sociais ali presentes; cada representação corresponde a um interesse diferente. Para determinados grupos sociais como as populações tradicionais, o sertanejo, a fronteira constitui uma forma de vida; para outros como o investidor, o pecuarista, ela constitui um recurso real e ou potencial. A fronteira tende a provocar a dicotomia entre as identidades territoriais, pois ou é deste território ou não é. (ALMEIDA, 2005, p. 107).

Ao refletir acerca da elaboração do território urbano Tapuia, nos municípios de Nova América e Rubiataba – Go, esse perpassa pelo próprio território Tapuia, o Carretão, visto que esse é a base de referência territorial e identitária desse povo. Torna-se importante destacar que a fronteira antes de ser físico-material é simbólica, posto que existem fluxos que não podem ser comprimidos entre aldeia e cidades.

Almeida (2005) destaca que o modo de vida das populações é determinado não pelo cotidiano, mas pelas práticas e hábitos culturais, assim como, pela própria percepção que esses sujeitos elaboram da natureza, além da própria condição do morador. O território perpassa por meio de uma perspectiva integradora, múltipla e relacional, submergindo a um processo de dominação material do espaço político-econômico.

A apropriação imaterial, simbólica-cultural, se dá pensando o território enquanto totalidade, sem fragmentá-lo e sem fazer leituras isoladas, observando as multidimensionalidades inerentes ao território (MOTA, 2011, p. 120).

A maior parte das famílias Tapuia, residentes em Nova América e Rubiataba – Go, possuem residência própria (nove famílias), enquanto duas moram de aluguel. A aquisição dos imóveis foi com recursos próprios e por meio de programas habitacionais do governo do estado.

**Figura 21:** Principais bairros de residências de Tapuia

Entrevista	Cidade	Histórico de bairros	Bairro atual
Entrevista A	Rubiataba	Barro Alto	Bairro Bela Vista II
Entrevista B	Nova América	Centro	Jardim dos Alpes
Entrevista C	Rubiataba	Setor Serrinha	Setor Jardins
Entrevista D	Nova América	(morava na zona rural)	Jardim do Alpes
Entrevista E	Rubiataba	Bela Vista	Bela Vista
Entrevista F	Rubiataba	Rubiatabinha, Bela Vista, Vila Operária, Aeroporto e Vila Ipê	Bairro Santa Fé
Entrevista G	Nova América	Jardim do Alpes	Jardim Baunilha
Entrevista H	Nova América	Jardim dos Alpes	Jardim do Alpes
Entrevista I	Rubiataba	Morada dos Ipês	Bairro Santa Fé
Entrevista J	Rubiataba	Rubiatabinha, Bairro Santa Fé, Rubiatabinha, Bela Vista, Vila Operária, Aeroporto, Vila Ipê	Morada dos Ipês

Entrevista K	Rubiataba	Não soube historiar	Setor Serrinha
--------------	-----------	---------------------	----------------

**Fonte:** Organizado pelo autor. Trabalho de Campo 2021

As casas estão localizadas em bairros mais pobres e regiões mais periféricas dos municípios e no caso das duas pessoas entrevistadas que vivem de aluguel, uma paga com os rendimentos do esposo que trabalha em uma indústria sucroalcooleira e o outro entrevistado recebe ajuda da FUNAI para pagar o aluguel, em decorrência de quando se mudou para o município, por conta de tratamento de saúde da esposa não possuía condições de se manter na cidade e custear as despesas. A figura 22 mostra imagens parciais de alguns bairros nos quais vivem as famílias Tapuia:

**Figura 22:** Fotografia Mosaico vista parcial dos bairros em que residem famílias Tapuia



**Fonte:** Arquivo Pessoal. Trabalho de Campo 10 de set. 2021. (A) Bairro Jardim dos Alpes – Nova América (B) Bairro Morada dos Ipês - Rubiataba (C) Bairro Santa Fé Rubiataba (D) Bairro Jardim Baunilha Nova América

Os bairros onde residem os Tapuia não contam com transporte público, deslocam de bicicletas, moto, carro e ‘a pé’. Possui saneamento básico coleta de lixo, ruas asfaltadas e, também possui iluminação pública. Todos os bairros possuem comércio, entre os principais supermercados, padarias, bares e lanchonetes. Os serviços públicos como escolas e postos de saúde, são oferecidos na maioria dos bairros, e onde esses não existem são ofertados em bairros vizinhos (figura 23).

**Figura 23:** Fotografia Mosaico serviços e órgãos públicos nos bairros de Nova América -Go



**Fonte:** Arquivo Pessoal. Trabalho de Campo 10 de set. 2021. A) Unidade Básica de Saúde - UBS (B) Centro de Referência e Assistência Social - CRAS (C) Unidade Escolar de Educação Infantil (D) Posto de Coleta de Recicláveis

Os Tapuia residentes nas cidades de Nova América e Rubiataba - Go, que participaram da pesquisa destacam que não veem dificuldades em morar nos municípios, desde que se tenha emprego e renda para que possam fazer suas despesas e adquirir o que precisa para suprir as suas necessidades. Portanto, surge algumas questões que inquietam o debate: há planejamento urbano para atender às necessidades dos indígenas? Onde eles vivem nas cidades? Que direitos e ou garantia tem ao acesso de bens e serviços da cidade?

No livro *O direito à cidade*, de Lefebvre (1991), o autor ressalta que há na cidade tantos direitos mal reconhecidos e para todos, se esses fossem garantidos, como o direito ao trabalho, à instrução, à educação, à saúde, à habitação, aos lazeres, à vida e tantos outros a realidade social coletiva seria

outra. Outro estudioso sobre cidades Harvey (2009, p.269), reafirma o direito à cidade para todos e diz que:

Entendo que o direito à cidade significa o direito que todos nós temos de criar cidades que satisfaçam as necessidades humanas, as nossas necessidades. O direito à cidade não é o direito de ter – e eu vou usar uma expressão do inglês – as migalhas que caem da mesa dos ricos. [...] O direito à cidade não é simplesmente o direito ao que já existe na cidade, mas é o direito de transformar a cidade em algo radicalmente diferente. Quando olho para a história, vejo que as cidades foram regidas pelo capital, mais do que pelas pessoas. Assim, nessa luta pelo direito à cidade, haverá também uma luta contra o capital.

Nesse sentido, a territorialidade encontra-se imbuída no próprio processo de mobilidade, como apresenta Benedetti (2011, 36). A mobilidade realizada pelos Tapuia entre aldeia e cidades, transfigura-se enquanto estratégia de elaboração de um território indígena urbano. Para Benedetti (2011), a mobilidade deve ser observada enquanto um modelo particular de relação social e estratégia de reprodução social entre os lugares, o que defini trajetórias espaço temporais complexas. E o direito a cidade, por parte da população Tapuia, deve ser observado enquanto elemento corroborativa para a elaboração de uma territorialidade indígena urbana.

Todos destacaram que receberam ajuda de parentes, assim como de não indígenas, que já moravam nos municípios, seja com ajuda financeira, auxílio para moradia e, para conseguir emprego. Com exceção da entrevistada K, todas as outras pessoas declaram que não receberam e que nem recebem nenhum tipo de auxílio ou de ajuda destinada especificamente aos indígenas no contexto urbano, seja por órgãos públicos, municipais, estaduais ou federais.

As despesas fixas da casa, alimentação, água, energia elétrica, são custeadas pelo salário das esposas e dos maridos, ao questionar os Tapuia residentes em Nova América e Rubiataba – Go se necessitaram de algum tipo de ajuda ao chegarem na cidade, e atualmente declararam:

Eu morei com ela, uns tempos só! [se referindo a casa da irmã que já morava na cidade] E logo saí. E logo eu recebi ajuda deles, com saúde, e algumas coisinhas. Pode ser assim, para arrumar algum dinheiro emprestado. [ao ser questionado se recebia ajuda no momento] Eu não recebo não! Mais eu precisar,

eu preciso. Mais eu não recebo não (...). é só no meu trabalho mesmo que eu faço. (ENTREVISTADO I, 2021).

No momento de sua chegada em Rubiataba a entrevistada F apresentou que:

Também não, as vezes assim, eu tive alguma ajuda dos Lyons, os Lyons sempre me ajudou, que na época eu dormia no chão, com colchãozinho, o colchãozinho de solteiro, e na hora de dormir, eu só tinha a menina mais velha, e jogava umas cobertinhas para ela, e eu dormia no colchãozinho de solteiro, na verdade, era uma espuminha só (ENTREVISTADA F, 2021)

O Tapuia ao chegarem aos dois municípios, relatam que inicialmente receberam ajuda tanto principalmente no sentido de moradia como financeiro, auxílio esses de parentes que já residiam na cidade, no momento da realização das entrevistas declaram que atualmente são esporádicas situações em que recorrem a esse tipo de ajuda.

As mulheres revelaram que receberam algum tipo de ajuda governamental, por meio de programas de auxílio a pessoas em situações de vulnerabilidade econômica e, dessas uma ainda continua recebendo. Dentre os programas destacam-se o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), renda cidadã, bolsa família e auxílio emergencial.

Não! Ultimamente, as vezes eu recebo ajuda das subrinhas, quando eu estou passando, por algum aperto, elas me ajudam um poquinho, a [cita o nome das duas sobrinhas], as vezes eles compram remédio para mim, as vezes me ajudam com 'inzames', mais a não ser deles, era só do marido mesmo, que faz para mim. Do órgão do governo, eu andei pegando aquele auxílio emergencial, cortou, eu andei pegando PETI, passou para o Bolsa Família passou para o Renda Cidadã agora cortou tudo né?!(ENTREVISTADA, F, 2021)

A entrevista G expressa:

Não! Se eu te falar que em termo de ajuda, agora no momento, aqui eu não recebo ajuda, porque, é (...) antes de eu ser efetiva, no meu trabalho na prefeitura, antes de eu ter o concurso. Que eu sou concursada. Eu as vezes, até quando, surgia alguma cesta, alguns cartão, alguns benefícios, que vinha do governo do Estado, por exemplo, benefício Renda Cidadã, ou Bolsa Família, essas coisas assim, eu sempre tinha, mais ai, depois

que eu, fiz o concurso, que eu, passei a trabalhar efetivamente na prefeitura, e ai também, Graças a Deus eu consegui comprar um pitdog ali, ai sim, depois de um bom tempo que eu não tenho nenhum benefício de ajuda de ninguém sabe. É, ajuda só de Deus mesmo (ENTREVISTADA G, 2021)

A Tapuia que ainda recebe algum tipo de auxílio explica que:

É, o cartão Brasil, é da Bolsa Família que eu pego. E da outra coisa. Eu pego o dinheiro do bolsa da família, eu pego é da mínima. Eu pego, mando para a minina. O bolsa família dela, e de silo é meu! E eu pego o dinheiro do bolsa família, e mando para ela. 130,00, que eu mando (ENTREVISTADA D, 2021)

No caso da entrevistada D, que ainda recebe algum tipo de auxílio durante a conversa ela deixa claro que embora o tenha, esse não é em seu benefício, posto que o valor é integralmente destinado à sua filha, que mora com a sua irmã em outro estado, Distrito Federal – DF. E como já destacado nenhum dos benefícios são destinados exclusivamente a população indígena em contexto urbano.

A obtenção de mantimentos e a dieta alimentar se dá principalmente por meio de produtos industrializados, e comprados em feiras, sendo a produção orgânica realizada nos quintais apenas um complemento da sua dieta.

Ao contrário do que relatam quando moravam no Carretão, visto que a produção orgânica era a principal fonte de alimentos e os adquiridos fora da T.I. era complementar a esses, o qual a produção agrícola era a principal fonte de renda e de alimentos, “Era na roça mesmo! Plantava uma rocinha, era mais isso mesmo. Era um lavrador mesmo. Né?! E quando a gente queria mais serviço, saia para fora, para trabalhar, era um hábito nosso!” (ENTREVISTADO I, 2021).

A entrevistada G relata que só conseguiu sair do aluguel após se cadastrar em programa de moradia social, oferecido pelo governo estadual e ter sido contemplada, posteriormente com a venda dessa casa conseguiu adquirir outro imóvel na mesma cidade, localizado mais próximo ao seu local de trabalho

Eu, vim sozinha, larguei a minha família lá e fui para Ceres sozinha. E depois, quando foi em 93, 93 eu voltei para cá, para Nova América. E que ai, a minha mãe saiu lá da aldeia, e veio morar aqui em Nova América. A gente adquiriu uma casinha, casinha dessas que o governo do Estado dá, sabe? E ai, a gente conseguiu uma casinha, ai a minha mãe veio da aldeia, e passou

a morar nessa casinha ai. Aqui na rua. (ENTREVISTADA G, 2021)

A aquisição do imóvel da entrevistada B, apenas se deu após o falecimento do seu primeiro esposo, antes do ocorrido os dois e as filhas residiam e trabalhavam na terra. Com a morte do marido, ela recebe uma indenização e com esses recursos comprou a sua residência para que ela e sua filha pudessem se mudar para a cidade.

No caso da entrevista B, mora em um imóvel que pertence a sua mãe, que vive no Carretão. A sua mãe utiliza a residência apenas por períodos de estadia, quando existe a necessidade de resolver algo na cidade necessitando que fique por um tempo maior. Na ocasião da visita a entrevistada B, havia recentemente saído do aluguel e se encontrava morando na casa da sua mãe, em decorrência de sua volta para o Carretão ela disse que: “Por que assim, eu vivo de aluguel né!? E aqui é a casa da minha mãe, ai ela voltou para a aldeia de novo, e ela arrumou aqui para eu morar.”.

A entrevistada C descreve que só conseguiu a sua casa após um longo período vivendo de aluguel, a priori em uma área considerada de invasão, mas, que posteriormente foi regularizada, momento este que conseguiu quitar o lote e, construir sua residência. A entrevista E possuía casa própria adquirida com recursos próprios dela e do seu ex-esposo e, que após a separação a casa fica em favor dela e suas filhas.

As políticas habitacionais que são evidenciadas, cuja quais alguns Tapuia foram beneficiados, como o caso do ‘Programa Mutirão da Moradia’<sup>16</sup>, foram destinadas a população goiana de baixa renda, de modo geral, não sendo nenhum tipo de política destinada especificamente a povos indígenas urbanos. A aquisição de imóveis do povo Tapuia se deu a partir de recursos próprios.

Outro elemento importante identificado durante as entrevistas se refere ao reconhecimento dos Tapuia residentes na cidade pelo Estado e os órgãos públicos, visto que esses demonstram uma insegurança quanto a isso dado o não reconhecimento estatal e a ausência de políticas públicas destinadas aos indígenas vivendo em contexto urbano. Nesse sentido a entrevistada E

---

<sup>16</sup>Programa habitacional promovido pelo governo do estado Goiás, durante as décadas de 1980-1990, destinado a população de baixa renda, instituído pela Lei n° 9.353, de 30 de agosto de 1983, regulamentada pelo Decreto n° 3.669, de 27 de agosto de 1991.

apresenta sendo essa uma das diferenças entre morar na T.I. e na cidade:

Só tem a única diferença que tem, os que moram lá! [no Carretão] Tem assistência, tem assistência da FUNAI, da FUNASA, e o que mora na cidade, não tem assistência nenhuma desses, da FUNAI, e da FUNASA, é por conta própria da gente, se adoecer, adoecer por conta própria, você um exame, tudo por conta própria. Ai, a única diferença é essa. Que lá eles tem o privilégio, eles tem tudo. Nós que mora na aldeia, cidade, não tem nada! Nós não participa de nada disso, só os que moram lá que tem esse privilégio. A única diferença, que eu acho, é essa. (ENTREVISTADA E, 2021)

O entrevistado J, também questiona a não possuir nenhum documento que o identifique enquanto Tapuia morador da cidade, por não possuir o RANI (Registro Administrativo de Nascimento de Indígena) documento pelo qual poderia retirar seu documento de identidade, no qual poderia incluir o povo o qual ele pertence.

Nesse contexto as informações apresentadas evidenciam que os indígenas em contextos urbanos não usufruem dos mesmos direitos sociais que os indígenas que vivem em TI e, nas cidades são privados de vários dos seus direitos adquiridos tal como ocorreu com a vacinação da Covid, no qual esses povos tem direito prioritário.

Os Tapuia residentes em Nova América e Rubiataba – Go, deixam claro, a identidade indígena, conservam as origens e ancestralidade as referências de seus antepassados que formaram o seu povo e, mantem contato com os seus parentes que moram na T.I. Esse pensamento por parte sobretudo, de não indígenas é absolutamente atrasado, indígena não deixa de ser indígena porque mora em cidades ou em qualquer outro lugar que não seja na aldeia.

Rodrigues (2020, p. 43) destaca que o povo Tapuia nunca perdeu os traços culturais e a língua, mas sim constituíram um povo indígena com características específicas. Nesse sentido destaca que esse fato serviu de pretexto para a invisibilidade do povo Tapuia, e mesmo o autorreconhecimento por parte de alguns foi prejudicado.

Por causa de tanto preconceito e discriminação identitária, muitos indígenas e com o povo Tapuia não é diferente, afirmam que:

Uai, da verdade, muita das vezes, tem uns Tapuios, que não se sente bem em falar, que é Tapuio. Mais no meu caso não! Eu me sinto bem, quando eu falo que eu sou Tapuia. Que tem Tapuio lá, que não gosta que fala que é Tapuio, eles quer ser Tapuio só lá na aldeia. Saiu fora da aldeia, não é Tapuio mais não. [ao ser questionada se para ela existia algum problema um Tapuia morar na cidade] Não! Do erro contrário, porque ai que eu quero ser, porque não adianta, porque a minha entidade, onde for, onde esteja lá eu estiver, ela vai junto. Já tem uns que não, que não gosta, pois eu foi ao contrário, pois ai que eu gosto. (Entrevistada G, 2021)

Para a entrevistada J:

Uai! Eu sinto tranquilo né! Já acostumei aqui, tá bom! [...] Não! Aqui Graças a Deus nós tem boa amizade, e tem um grande respeito com nós, trata bem. Mais tem algum que atrapalha o indígena, o índio Tapuia. Eles tem parece que um receio, as pessoas (...) [ao ser questionado se são bem recebidos na cidade] É! Sim, bem acolhidos. É igual eu falo, tras umas pessoas que é mais fraco, mais tem umas pessoas que é amigo deles, é bem acolhido. (ENTREVISTADO J, 2021)

Conforme a entrevistada F:

Para mim, foi tudo. Por que, se eu quiser trabalhar, eu tenho serviço, eu tenho as pessoas que me conheço, todo mundo que me conhece, e me trata bem, eu me sinto bem. No meio de todo mundo, todo mundo que me conhece, me trata bem. Sabe que eu sou Tapuia. E ninguém nunca me maltratou, e ninguém nunca falou assim, algo que eu não gostasse. E, eu me sinto bem aqui na cidade. Não tenho nada, como se diz, que falar. Eu me sinto bem (ENTREVISTADA F, 2021).

Rodrigues (2014, p. 15) destaca a identidade indígena do povo Tapuia, eles são e se reconhecem, com ou sem características que arremetem ao estereótipo do que é ser indígena no Brasil.

Rodrigues (2020, p.125) ainda apresenta que:

Sei que o preconceito, o racismo, a misoginia, o machismo estão aí por todos os lados, e muito mais latente nas aldeias indígenas, mas não devemos baixar a cabeça, ao contrário devemos combatê-los. E que assumir minha história de vida vai ter sim consequências, mas eu posso enfrentar as consequências, mas eu posso enfrentar as consequências, porque eu conheço a minha origem, minha identidade e minha história [...]

As narrativas dos Tapuia residentes em Nova América e Rubiataba – Go, demonstram que conseguem alcançar muitos objetivos e vida melhor, portanto, com muitos desafios, enfrentamentos, resistências cotidianas. O debate identitário é atrasado e violento. Para os Tapuia os dilemas identitários é uma herança histórica ultrapassada e atual.

Nesse contexto, Boaventura (2003, p.56), considera que:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

É importante destacar que os encontros interétnicos, ao longo da história foram marcados por um processo que tentou cercear e desumanizar grupos e povos considerados diferentes do modelo hegemônico. Lima, Faro e Santos (2016) apresentam que esse fato se dá decorrente de teorias implícitas de personalidade, que buscam inferiorizar o outro. E no caso dos Tapuia residentes nas cidades não tem sido diferente, embora isso os Tapuias são resilientes e mantem-se orgulhosos de sua identidade e ancestralidade.

Os encontros e desencontros acarretaram profundos estigmas na construção identitária dos povos indígenas. Eles afetam no que tange ao reconhecimento enquanto povo e, têm ocorrido desde a chegada dos povos europeus à América. Ao contrário dessas adversidades que estigmatizaram a constituição identitária indígena, surgem estratégias de resistência, que corroboram com a construção de um conjunto de elementos, pelos quais esses povos visam garantir a sua sobrevivência, enquanto povo e indivíduos.

De maneira que “[...] muitos desapareceram física ou culturalmente, e muitos outros mostraram uma vontade obstinada de lidar com todos os tipos de ameaças e desastres” (DUQUESNOY, 2014, p. 67). Nesse sentido a resiliência apresenta-se enquanto estratégia, que permite com que alguns membros resilientes de um grupo sociocultural consiga suplantar estigmas e situações que os contrafazem, como pode-se observar:

Uai, para mim na aldeia lá! É, como se diz eu ficava mais era só dentro de casa, eu quase não saia, era solteira né?! Ai, eu mudei para a cidade, depois de casada, aí como se diz a vida de casado muda né?! Que a gente tem mais responsabilidade, tem

família para cuidar, e ainda tive a menina que veio duente, e que a minha vida era com ela no hospital diretão. Ai, para mim mudou muito porque, eu aprendi a viver né?! E quando a gente tava na aldeia e eu era bobinha, eu não entendia de nada, não tinha estudo e agora, depois que eu to aqui, terminei o terceiro ano, e eu mudei de vida. Porque, eu aprendi muita coisa, porque viajando com ela, para tratar dela, da saúde dela, eu aprendi muita coisa. E eu mudei. Eu posso dizer que eu mudei de vida mesmo (Entrevistada F, 2021).

A resiliência é perceptível na fala da entrevistada F, posto que, ao se mudar para a cidade e encontrando as dificuldades, decorrentes dessa mudança, se fortalece e busca superar adversidades, se reelaborando de maneira positiva. Nesse sentido deixando evidente que, ela traça estratégias para sua adaptação a um novo ambiente, identifica elementos necessários para que tenha um bem-estar, a exemplo dado pela mesma busca concluir seus estudos. E torna-se importante ressaltar, que mesmo nesse momento de resiliência ela internaliza seus conhecimentos e saberes culturais, mas, ao mesmo tempo apropria-se deles na interação com o espaço urbano, e com os sujeitos que ali vivem.

Ainda relacionado a questão de trabalho, ao buscar identificar se os Tapuia mesmo após o estudo ao serem empregados, haveria diferença salarial entre Tapuia e não indígena a entrevistada complementa:

Também não! Não existe. Antigamente até que existia, hoje em dia não. Hoje em dia não, eu assisto muita televisão e vejo eles falando que hoje em dia, e antigamente, que o indígena ele não podia ser nada, só índio mesmo, lá na aldeia. Hoje em dia, você índio advogado, índio vereador, índio prefeito, índio professor, índio enfermeiro, agente de saúde. A minha sobrinha mesmo, é professora lá na [cita local], chama [cita nome da prima]. E a minha irmã, a que morreu, a [cita nome da irmã] (ENTREVISTADA F, 2021)

Segundo Duquesnoy (2014, p. 72), o indivíduo resiliente “não retorna a um estado anterior de estresse ou adversidade”, mas diante dessas adversidades demonstram possuir a aptidão de transformar essas situações opressoras em impulso. A resiliência transfigura-se em uma capacidade voluntária de superação, propiciando uma inquestionável adaptação, sendo esta bem-sucedida a despeito de circunstâncias aleatórias.

Ao indagar a entrevistada F, sobre se percebeu mudanças na vida de parentes e amigos que saíram da T.I. decorrentes de suas experiências de vida, antes de morarem na cidade discorre, “Os parentes que eu tenho aqui, e lá é primo, ex-cunhado, e eles também como se diz, mudou muito também, e que muito até hoje não tem estudo. E muitos, ao menos aprender a viver melhor, aprendeu” (ENTREVISTADA F, 2021).

É importante destacar que nesse caso fica evidente que o estudo, e escolarização para a entrevistada é um elemento importante para a elaboração de uma vida na cidade, sendo este um dos motivadores de sua saída da aldeia. ao utilizar o termo ‘aprender a viver melhor, aprendeu’ ela se refere no sentido de ‘passar menos dificuldades’ vivendo em contexto urbano, visto as exigências, principalmente, para se encontrar emprego no contexto urbano, sendo este um fator relevante para ser ou não contratado.

Méndez (2012) destaca que além da possibilidade de descrição e adaptação, o conceito de resiliência da comunidade possibilita a aplicação em grupos sociais, uma vez que estes podem ressurgir de experiências traumáticas. A resiliência vem acompanhada de dois aspectos positivos complementares, o primeiro refere-se a virtude de contrapor os infortúnios e o segundo a capacidade de crescer e tornar-se mais forte com eles, favorecendo a autovalorização responsável.

Dessa forma, a resiliência possibilita com que os grupos e sujeitos adquiram a aptidão de “desintegração e a capacidade reconstrução em cenários ou fatores hostis” (DUQUESNOY, 2014, p. 72). Nesse sentido a entrevistada H, ao se mudara para a cidade e ser identificada como Tapuia relata:

Sim! É, tipo um abuso, e um falava assim, ‘Ai, a Tapuia ai’”, e ficavam com essas caras sabe?! E quando falavam, eu andava na resposta. Ai, tinha um cara que tava lá em Rubiataba e, de longe: ‘Oh Tapuia!’. Ai, eu falava assim, eu vou fazer uma coisa e vou enfiar dentro do seu olho.[ao ser questionada se era algo discriminatório] De primeiro era! E ainda me procurou (...), eu acostumei a chamar você só de Tapuia, cênum importa não?! Fazer o que? Ah (...), sabe! Primeiro Tapuia, era como se fosse ‘bicho’. Agora, hoje não! Hoje as pessoas, tem vontade de tá no lugar da gente, sabe?! Hoje eles têm vontade! (ENTREVISTADA, H, 2021).

No caso acima descrito, a entrevistada H durante a entrevista comenta

que a utilização do termo Tapuia por moradores da cidade ao referirem ao seu povo se dava de maneira pejorativa, o que lhe causava certo desconforto, demonstrando também um preconceito de gênero, mas ela evidencia que tais fatos se deram no início de seu estabelecimento no município, após a sua adaptação, ela contrapõe a esse tipo de ataque, e se mostra orgulhosa de origem Tapuia:

Ai, só que eu posso me defender, eu me defendo! Sabe?! Tudo, lá é a minha família. Sabe!? Tem irmão, tem subrinho, tem tio, tem primo, tem que defender a família da gente né! Ai, eu tenho que defender, a família da gente, ah! Mais eles é pinguço. Ah! Mais eles é pinguço e eles não fica o dia todo em buteco, e nem dormindo nos botecos. Pode ir lá, que eles estão trabalhando. E tem muita gente que é assim. Acha que Tapuia é (...) nem sei o que eles pensa, sabe?! Eles, acham que Tapuia é coisa de outro mundo! Ou, alias, para nós é uma importância muito grande. Muito grande mesmo! Ou, alias, tem muita gente também que fala que queria ser Tapuia. Assim, a sorte, vocês tem terra, ai vocês tem tratamento. Vocês tem ai, sabe?! (ENTREVISTADA H, 2021).

A resiliência dos Tapuia urbanos, compreendida enquanto mecanismo não só de alteração, mas de adaptação, possibilita o acesso à realidade cidadina do povo Tapuia, visto que esses também passam por um processo de alteração e adaptação cultural, frente a movimentos opressores, sendo isso um processo de resistência. Duquesnoy (2014) ainda manifesta o seguinte:

Se considerarmos que os grupos culturais, no sentido mais amplo da palavra, são sistemas altamente complexos e dinâmicos, podemos afirmar que possuem, por isso mesmo, a capacidade de inovar permanentemente face às diversas alterações que ameaçam o seu equilíbrio e estrutura, como seria de esperar, de acordo com as suas necessidades internas. A resiliência atuaria, neste caso, como um mecanismo sofisticado capaz de permitir que um sistema estressado ou danificado tivesse a oportunidade de se adaptar às novas condições e garantir sua sobrevivência. (DUQUESNOY, 2014, p. 74).

A resiliência possibilita a adaptação dos Tapuia em contexto urbano, em meio a transformações e conflitos, visto que neste, os Tapuia buscam, a priori, a sua sobrevivência no território urbano. Ao que se refere ao povo Tapuia, torna-se importante buscar identificar a existência do processo de resiliência, visto que, passaram por um processo de transição entre T.I. e cidade, assim como, de que

forma esses sujeitos sobrevivem às transformações as quais foram-lhes impostas.

No processo de resiliência e elaboração dos territórios ocorre a estruturação de territorialidades, em que os indivíduos e/ou grupos criam estratégias espaciais pelas quais buscam manter o domínio sobre determinado espaço. Voltado a uma perspectiva que busca compreender a territorialidade, Raffestin (1993, p.158) descreve: “a territorialidade adquire o valor de um bem particular pois reflete a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral.”

Os sujeitos vivem a territorialidade seguindo um processo de transformação das relações de poder. Neste contexto, modificam tanto as suas relações com a natureza, quanto as relações sociais, e sem perceberem também acabam se auto modificando (RAFFESTIN 1993).

Ao analisar o conceito de territorialidade baseado em Raffestin (1993) e Gomes (2005), é possível observar a associação entre a territorialidade e as práticas culturais, pois, transfiguram-se em estratégias que também podem ser utilizadas para a apropriação e/ou manutenção do território, e estas são (re)produzidas de maneira a atender interesses de quem deseja se ajustar e manter o poder sobre o espaço.

De acordo com Bonnemaïson (2002), a territorialidade deve ser compreendida enquanto relação cultural e social que existe entre o povo e a trama de lugares e itinerários, que são os elementos que constituem o território. Esse autor apresenta como exemplo os povos nômades e/ou caçadores coletores, que embora possuam uma extensão de trajetória dentro de uma determinada área e ainda que existam pontos fixos e itinerários familiarizados que determinam o território de errância, as suas fronteiras são fluídas e existem pontos que são até mesmo compartilhados com outros povos.

Cruz (2020) salienta que, as culturas indígenas não são estáticas, passaram por processos de dominação, aniquilação e mesclagem, assim como ocorreu com o povo Tapuia. Mesmo no ano de 2022, as transformações ocorrem, especialmente pelo interesse existente sobre as T.I. especialmente pela exploração capitalista, além do deslocamento dos povos indígenas rumo aos espaços urbanos. E em paralelo surge um processo de (re)existência do povo

Tapuia em contexto urbano, no sentido de resguardar sua história, cultura e modos de vida.

Os Tapuia residentes em Nova América e Rubiataba – Go, buscam por meio de um processo de resistência o fortalecimento sociocultural do seu povo, mesmo na cidade mantem modos de vida análogos a vida no T.I. como o cultivo de plantas para a alimentação, criação de animais, a pesca, o rio e o contato com a natureza. Embora destaquem que as condições na cidade não sejam as mesmas para viverem como na aldeia, também preservam o desejo de retornar:

Eu gostaria sim! Igual eu tô te falando, eu, igual eu te falei, eu gostaria de voltar, de morar lá, assim, hoje na verdade, se for para morar, morar mesmo dentro da roça, para fazer as coisas que eu fazia antigamente, eu não dou conta mais, não consigo fazer mais, as coisas que eu fazia. Mais assim, eu tinha vontade de ter, igual por exemplo, de ter igual, arrumar o meu terreno, fazer um quintal, plantar mandioca, criar uns porcos, umas galinhas, final de semana ir para lá, cuidar das coisas, e por exemplo, serviço, se tivesse como fazer uma transferência de serviço, para mim ir trabalhar na aldeia, lá, tem escola indígena, eu tinha vontade de morar lá, de viver lá, por que eu fico aqui na rua, mais eu não gosto de ficar aqui, mais enfim, não tem como né!? De tipo assim, fazer uma transferência, de serviço. Ai, a gente fica aqui mesmo. (ENTREVISTADA, F, 2021)

Dentre as coisas que destacam sentirem falta está o contato com a natureza e o meio de produção de alimentos e criação de animais, mas, como relatam sempre que possível visitam o Carretão e estão em contato com os parentes que ainda moram lá:

Oh! Tem várias coisas que a sente, pelo o que a gente gostava, aqui é ruim né!? Só porque, pelo o que eu tenho lá, e o que vivo trabaiano aqui. Aqui, para mim é mió! Que lá eu não tenho o meu salário, aqui eu tenho. Ai, eu sinto as faltas minhas das andadinhas da roça, mais a ser livre, e aqui não é. Aqui já depende de muita coisa e lá, eu não dependo né! E se eu morasse lá, eu tirava de onde tivesse, do meio das matas, lá é livre e aqui não é. (ENTREVISTADO I, 2021).

A situação mais desafiadora aos Tapuia residentes em Nova América e Rubiataba, está o modo de vida, que arremete ao sentimento de liberdade que possuem no território indígena, a saudade da maneira como viviam na aldeia, e

destacam os motivos que ainda os fazem estar morando na cidade, como os empregos.

Ainda de acordo com os relatos dos Tapuia moradores das duas cidades eles nasceram na aldeia e foram para a cidade em um momento que o seu povo passava por muitas privações, vivenciando um processo de opressão pelo território que se encontrava invadido, tinham que trabalhar para os posseiros e não recebiam nada ‘era uma capanga de café e uma xícara de açúcar’.

Ao que se alude aos aspectos linguísticos do povo Tapuia residentes em Nova América e Rubiataba, durante as observações e entrevistas, observa-se o uso do português Tapuia, preservando uma forma que falar que é *lhe são* característica. Nesse sentido apresentam uma maneira de falar adquirida por meio das relações sociais entre próprio povo e com os não indígenas e, faz parte do repertório cultural deles e, é retransmitido aos seus mais novos. Dentre os distintivos estão o “cancelamento do -r pós-vocálico em sílaba final, reestruturação silábica, assimilação de -ndo em -no em final de verbo no gerúndio” como já detectado por Trindade (2009).

Nesse contexto, apresenta também outros elementos característicos que o caracteriza como português étnico Tapuia. Rodrigues (2020, p. 15) ressalta que língua materna se constitui do português étnico Tapuia, possui sua estrutura gramatical, além de uma base lexical românica, perpassada pelas melodias das línguas indígena Macrô-Jê.

### **3.3 – Memória e lugar**

Em relação aos elementos culturais, os indígenas levam consigo por onde vá, saberes milenares aprendidos com seus ancestrais. Isso é possível devido a memória.

Para Nora (1993, p. 9) a memória associa-se a própria constituição de vida, visto que é carregada por grupos vivos e, vincula-se por meio de um elo vivido, o passado, a história, é um fenômeno atual. A memória adquirida coletivamente, vincula-se a identidade dos sujeitos e povos, acompanha-os enquanto um passado vivo.

Nesse sentido Pollack (1992, p. 2004) apresenta que

[...] A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

A memória assim sendo ganha um caráter de reviver, de visitar o passado, não enterrando-o no esquecimento, nesse caso transfigura-se em um instrumento que preserva e resguarda o cotidiano vivenciado. Segundo Flávio (2013, p. 9) as referências para a produção da memória abrigam em si, elementos que permitem substanciar e dar vazão aos sentidos e significados advindos do passado, mas, que ainda no presente coordenam, as vivências, produções e apropriações do espaço.

Os Tapuias guardam na memória ensinamentos, modos de vida e práticas culturais adquiridos com os seus ancestrais, e buscam por meio do refazer perpetrá-los. Mesmo no espaço da cidade, onde as moradias são pequenas e o terreno também, organizam sobretudo, nos quintais uma pequena forma de reproduzir as hortas coletivas da aldeia e nelas plantam raízes e remédios naturais; frutas do Cerrado e legumes. Quando ainda há espaço criam animais como porcos e galinhas. A figura 24 mostra como são essas plantações nos quintais:

**Figura 24:** Mosaico quintais de famílias Tapuia



**Fonte:** Arquivo Pessoal. Trabalho de Campo 10 de set. 2021. (A) Colhendo batata doce (B) Plantação guariroba (C) Plantação de mandioca (D) Quintal com plantas frutíferas (E) e (F) Quintal com plantas medicinais e temperos

A alimentação e outros elementos culturais como festas e rituais continuam existindo e quando não tem jeito de ser como antes adaptam novas formas ou retornam na aldeia para participar de algumas festas específicas, visitar os parentes e matar a saudade de coisas que não tem na cidade. As

mulheres entrevistadas destacaram a fábrica de farinha da aldeia, onde muitas delas aprenderam com as mais velhas. A entrevistada G disse que:

(...) As coisas que eu fazia antigamente, igual, por exemplo, eu fazia lá, que eu fazia muito, era farinha, fazia muito polvilho né!? Então, assim, igual hoje assim, tinha vontade de fazer, mais nós não faz, a gente fica imaginando isso, mais, eu tinha vontade de fazer. Mais não faz, igual eu fazia muito lá, farinha, mais não faz nada, porque, uma não tem como e outra porque, não tem mandioca, e não tem esses trens assim, para gente fazer, (...) (ENTREVISTADA G, 2021).

Na figura 24, observa-se que apesar de possuírem quintais limitados, ainda assim buscam otimizar esses espaços para o plantio, dentre as frutas cultivadas foram identificadas laranja, mexerica, banana, limão, pitanga, caju e amendoim, croá<sup>17</sup>; verduras como mandioca, batata doce, milho, alface, couve, feijão, guariroba e jiló; temperos, cebolinha, pimenta, coentro e, também ervas medicinais, hortelã, trançagem, capim e erva cidreira, mastruz, bálsamo, dipirona, alecrim e arruda.

A convivência com a família, a relação que possuíam com a terra e a natureza, a forma de produção dos alimentos são elementos que os Tapuia residentes na cidade destacam como elementos, que fora da T.I., lhes fazem falta. O entrevistado E expõe “meu coração é de lá”. “Apesar de toda a dificuldade na aldeia as pessoas recebem ajuda, podem criar animais, plantar roça, na cidade o custo de vida é maior na aldeia estudar é mais fácil, na aldeia é mais unido” (ENTREVISTADA I, 2021)

Sobre a saudade da aldeia, o entrevistado I diz que:

Ah! Outra coisa, é que dá saudade do lugar da gente, do lugar que a gente convivia, era completamente diferente daqui. Agora a gente acostumou aqui também! (...) é bom! Mais lá é legal, quando eu vou lá, eu acho bom demais. (ENTREVISTADO I, 2021)

Nessa perspectiva o lugar se torna o espaço onde desenvolve-se experiências individuais e coletivas, agregando valores simbólicos e subjetivos por meio da vivência, desenvolvendo assim laços de afetividade. Para Ribeiro

---

<sup>17</sup> Planta originária do Brasil, fruto da mesma família da abóbora, quando verde pode ser consumida como legume, após o amadurecimento sua casca ganha um tom avermelhado e a fruta, de sabor doce, pode ser consumida na forma de sucos, doces, geleias e compotas, os frutos desenvolvem-se em trepadeiras arbóreas.

(2004), todos os espaços de vivência estão impregnados de valores implícitos e subjetivos que contribui para tornarem-se em lugar ou não, visto que este transfigura-se não apenas por intermédio das experiências; mas vincula-se a afetividade, ao sentimento de identidade e de pertencimento.

Suess (2017, p.110) acrescenta

O lugar não é dado, é construído e experienciado à medida que o conhecemos melhor e temos plano para com ele. A subjetividade povoa os espaços e ajuda os homens a os habitarem, recriando-os e ressignificando os, dando uma nova definição, construindo lugares.

Segundo Tuan (1983, p. 3,) o lugar transfigura-se enquanto um espaço que é vivido, tratando-os enquanto sinônimos, posto que os dois estão impregnadas de personalidade e tornam-se em espaços de familiaridade “o lugar é segurança é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o segundo”. E passa por uma apropriação simbólico-cultural e transforma-se em centro de significados para o sujeito.

No momento das entrevistas três Tapuia declararam não ter vontade de retornar a moradia no Carretão, e tem o desejo de continuar na cidade, como evidencia a entrevistada D

E eu vou falar para você, desde que eu voltei lá para a mãe, eu não tenho vontade de voltar para a aldeia. Eu não sinto vontade de voltar para a aldeia. (gesto negação) Não sente. Eu vou continuar na cidade. Porque? Condição. Aqui, a gente comprou a casa. Não tem jeito! Agora, se por exemplo, vou sair daqui. Vou mudar para a aldeia. E vou perder, e vou perder a casa! Essa aqui foi comprada, e eu vou perder a casa (ENTREVISTADA D, 2021)

Os Tapuia que, embora não desejem voltar para a aldeia destacam que sempre que possível estão lá, próximo aos parentes e amigos, todavia os outros entrevistados demonstram o desejo de retorno para o Carretão, o seu lugar de origem, voltarem a morar na terra em que nasceram e cresceram próximo do seu povo. Mesmo dizendo que não tiveram nenhuma dificuldade em se adaptarem ao modelo de vida urbano, ainda sim aspiram poder retornar para a aldeia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar sobre deslocamentos indígenas é um tema necessário, sobretudo, para a geografia, que tem lentes próprias para a leitura espacial dos motivos dessas mudanças.

O povo Tapuia no Brasil teve historicamente estereótipos criados por não indígenas como povo inferior, sem etnia, sem língua, sem cultura, sem identidade e tantas outras formas de caracterização violenta. É sabido que a utilização do termo “sem”, serve para fortalecer o eurocentrismo estrutural onde se hierarquiza como melhor ou pior, superior ou inferior um povo e sua cultura.

O povo Tapuia que vive em Goiás, sujeitos dessa pesquisa, não foi diferente, tem em sua história marcas de violências diversas em relação a sua cultura e identidade, e, além disso um território pressionado por atividades econômicas que não visam integrá-los ao processo, mas, expulsá-los de sua casa e lugar.

Em relação a políticas públicas de saúde, segurança, alimentação, educação, elementos básicos para viver, pouco se avançou no Brasil em relação aos povos indígenas. É justamente a ausência de serviços e bens básicos em seus territórios, que em determinado momento da vida, indígenas e famílias se veem obrigados a deslocar, mudar da aldeia para cidades que tenham mais condições de trabalho, de renda, educação, saúde.

Essa saída do lugar de origem é também um processo violento para os indígenas, que sem escolha, deixam os costumes, modo de vida, objetos, alimentos, festas, rituais, convivência, entre outros elementos que compõem o cotidiano cultural específico de cada povo.

É nessa dinâmica de mudança em busca de serviços básicos que indígenas e famílias Tapuia se inserem. A partir do levantamento do processo sócio-histórico de territorialização do povo Tapuia, nas cidades de Nova América e Rubiataba (GO). A mobilidade entre T.I. e cidades existe desde o surgimento dos municípios, seja de maneira fixa, ao adquirirem residência nas cidades e se estabelecerem lá, ou transitória, quando procuram as duas cidades para atender algumas de suas necessidades, a compra de produtos de utilidades, de alimentos ou necessidades médicas e estudos. No último especialmente ao que se refere a ensino superior e pós-graduação.

Essa informação provoca a seguinte reflexão: Se os indígenas tivessem garantido na aldeia serviços e bens básicos previstos pelos direitos humanos para a vida, esses sairiam da aldeia?

É perceptível que não. Pois, deixar seu lugar é violento, sobretudo, para os indígenas que tem modos de vida tão específicos.

O que a cidade representa para os indígenas? O que ela oferece? Inclui ou exclui esses sujeitos dos espaços?

Nota-se que as cidades se por um lado oferece a melhoria procurada pelos indígenas de saúde; educação e trabalho; por outro é um local muito diferente das aldeias, e traz impactos socioculturais cotidianos, para muitos, difícil de superar e acabam retornando para a aldeia.

Construir novas territorialidades no espaço da cidade que é limitado é um grande desafio. Muitas coisas são possíveis reproduzir no espaço da cidade, pois, o saber ancestral e as práticas culturais não desaparecem ao sair da aldeia, o que muda são as formas de realizar. Os que resistem no espaço das cidades, ressignificam os quintais e aproveitam cada cantinho de terra que há. Cultivam plantas medicinais e raízes, pequenos canteiros de alimentos e criam animais quando possível.

As práticas de cultivo realizadas pelos Tapuia urbanos, utiliza-se de mecanismos tecnológicos provenientes das cidades, como insumos agrícolas, como sementes adquiridas em lojas agropecuárias, o que foge ao modelo tradicional Tapuia que lhes foi passado pelos ancestrais. Como a utilização de sementes crioulas e práticas de cultivo adaptadas a região onde residem. Entretanto torna-se importante destacar as limitações que possuem em ainda cultivar algo na cidade, visto a escassez de terra, por se tratar apenas da área remanescente dos quintais, insuficiência de recursos hídricos em abundância e adubos orgânicos.

O contato com a natureza nas cidades se limita a parques e áreas verdes, e em momentos em que buscam aos finais de semana como laser visitas em casas de amigos, parentes e vizinhos em especial para pesca e banhos de rio. Esse contato se dá de maneira mais robusta quando visitam a aldeia, onde rememoram as lembranças de quando moravam ali, visitam os parentes participam de comemorações e sentem mais liberdade, como relatam, que quando estão lá não sentem o tempo passar. Ainda assim as visitas ao Carretão

são muito restritas a momentos de folgas, dada as ocupações com emprego e família na cidade, se limitando a alguns finais de semana e períodos de férias.

Sobre a mobilidade Tapuia, entre aldeia e os municípios de Nova América e Rubiataba, torna-se importante enfatizar, que o território indígena antecede a criação das duas cidades, o que permitiria inferir que, não seria o espaço urbano apenas parte de um território tradicionalmente indígena que foi expropriado pelo não-indígena e utiliza-o a partir do seu modelo de sociedade? Não seria a localidade dos municípios parte de um itinerário de lugares que se inserem no território Tapuia?

A visão holística permite pensar a primazia do Carretão e do povo Tapuia ante a estruturação dos municípios que foram campo de investigação, porque mesmo o espaço urbano sendo concebido enquanto um espaço numa perspectiva não-indígena, o princípio organizacional do povo Tapuia do Carretão, tem seus registros oficiais naquela região registrados desde o ano de 1784.

O modo de vida do povo Tapuia que vivem no espaço urbano dos municípios sofre adaptações, pois adquiriram um modo urbano Tapuia cidadão de ser, ao que eles mesmos destacam. Nos municípios vivem da mesma maneira que os não indígenas vivem, como eles mesmos relatam, mas ao mesmo tempo destacam que possuem cultura diferente e percepções diferenciadas do ambiente, em que a presença da natureza é um elemento que lhes fazem falta. Ao que se refere os modos de vida Tapuia, é importante ressaltar que a pesquisa buscou investigar junto a pessoas nascidas e que moraram e viveram no Carretão, e posteriormente se mudaram para a cidade.

Essa seleção se deu dado as dificuldades impostas pelo contexto pandêmico, ocasionado pela COVID19, o que impossibilitou a realização de visitas e trabalhos e trabalhos de campo na aldeia, mas isso também permitiu aprofundar os conhecimentos acerca do modo de vida do povo Tapuia, por intermédio de pessoas nascidas e criadas na aldeia, buscando dar voz a esses sujeitos e imergir em suas percepções, sobre o que é um Tapuia residente na cidade. Nesse momento surge outra questão inquietante identificada durante a investigação, existe um processo de invisibilização do povo Tapuia residentes nas duas cidades?

As principais dificuldades do povo Tapuia no processo de elaboração da

uma territorialidade nos espaços urbanos, dada a transição entre Carretão para cidade, arremete a saudade que sentem da aldeia, mas ainda sim se mostram resilientes, adquirindo um modo Tapuia urbano de ser, sem em momento nenhum perderem as memórias de sua ancestralidade.

A existência de conflitos entre os Tapuia e os não indígenas, não foi detectada na ocasião da pesquisa, embora relatem que já tenham sofrido com situações opressoras e atos de discriminação, no início, quando se estalaram na cidade. Embora os relatos históricos demonstrem que na maioria dos casos os encontros interétnicos, sejam marcados por atos de rivalidade onde a cultura hegemônica, caso seja de seu interesse use de estratégias para desestruturar ou mesmo dizimar uma cultura ou considerada desviantes de seu padrão. Entretanto os Tapuia descrevem uma convivialidade nas cidades, se sentem à vontade para circular no espaço urbano.

Os atos de segregação socioespacial entre o povo Tapuia e os não indígenas no espaço urbano de Nova América e Rubiataba – GO são inexistentes, visto que todos relatam que conseguiram adquirir suas casas nas cidades sem maiores dificuldades, e destacam que tanto para a construção não existe diferenças entre Tapuia e não indígenas, desde que possuam emprego e renda. É importante pensar que todas adquiriram suas residências onde conseguiram na ocasião e, a partir disso transformaram em seus lares.

Em nenhum dos dois municípios que foram o campo de pesquisa foi possível identificar nenhum tipo de política pública, seja municipal, estadual ou federal destinada em específico a população indígena urbana. Existe apenas uma exceção de uma pessoa participe da pesquisa que tem seu aluguel custeado pela Funai, não sendo este benefício estendido a outros Tapuia.

Por intermédio da pesquisa realizada não evidencia uma territorialidade Tapuia urbana, visto que essa, sugere a elaboração de estratégias e um esforço coletivo, para delimitar, apreender e dominar determinado espaço, estruturando assim um território. O domínio decorreria seja por meio de uma perspectiva físico material, seja noutra simbólico e cultural, o que não ocorre com a população Tapuia residente nos municípios de Nova América e Rubiataba – Go.

Outras ponderações podem ser realizadas entre as quais poderiam ser a de buscar mecanismos para visibilizar a população Tapuia em contexto urbano, por intermédio especialmente de políticas públicas, para que possam ser, de

maneira ampla reconhecidos, e tenham o direito da sua identidade indígena preservada, e não sintam desconfortos, e para que não ocorra um apagamento histórico desse povo vivendo em contexto urbano.

Assim esperamos ter contribuído para que esse apagamento não ocorra e que sirva de base para futuras reflexões e pesquisas, dentre alguns elementos que se faz necessário aprofundamentos está o de realizar um levantamento mais robusto da população Tapuia do Carretão, residentes nas cidades, especialmente nas regiões de Ceres e do Vale do São Patrício, posto que a mobilidade desse povo entre os municípios que compõem essas regiões é contínua.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. de. Retratos para a Unesco da reserva da biosfera do Cerrado – Resbio Goyaz: suas paisagens culturais e identidades territoriais. **Boletim Goiano de Geografia**, [S. l.], v. 39, p. 1–19, 2019. DOI: 10.5216/bgg.v39i0.59401. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/59401>. Acesso em: 10 dez. 2021.

ALMEIDA, M. G. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 103-114, ago. 2005. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6617>. Acesso em: 7 set. 2021.

ALMEIDA, M. G. Povos indígenas, identidades territoriais e territorialidades fragilizadas no norte do Amapá, Brasil. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 91–111, 2020. DOI: 10.5216/ag.v14i2.64350. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/64350>. Acesso em: 21 jul. 2022.

ALVES, A. M. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**. v. 9. n. 1 São Paulo. 2010.

BARBALHO, M. G. da S.; SILVA, S. D.; GIUSTINA, C. D. Avaliação Temporal do Perfil da Vegetação da Microrregião de Ceres Através do uso de Métricas de Paisagem. *In*. **Boletim Goiano de Geografia**, vol. 35, núm. 3, 2015.

BARBOSA, A. S. SCHMITZ, P. I. ANTÔNIO NETO, T. GOMES H. **O piar da Juriti pequena: narrativa ecológica da ocupação humana do Cerrado**. Goiânia: PUC - Goiás, 2014.

BICALHO, P. S. dos S.; OLIVEIRA, F. A. da S.; MACHADO, M. ‘Mas Eles São Índios de Verdade?’: representações indígenas na sala de aula. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 43, n. 4, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/76388>. Acesso em: 9 fev. 2022.

BONNEMAISON, J. – **Viagem em Torno do Território**. *In: Geografia Cultural: Um Século* (3), org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, EDUERJ, p. 83-131. 2002.

BORGES, M. V. O estudo do Avá: relato e reflexões sobre a análise de uma língua ameaçada de extinção. *In*. **Revista Liames**, Campinas, n. 2, p. 85-104, 2006.

CHAIM, M. M. **Aldeamentos indígenas: Goiás, 1749 –1811**. 2ª ed. rev. São Paulo: Nobel; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

CHAVEIRO, E. F. Cerrado e território: conflitos socioespaciais na apropriação da Biodiversidade – os povos indígenas Karajás, Aruanã-Go. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, GO, v.4, n.1, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/16683> Acesso em: 28 nov. de 2021.

COLOGNESE, S. A. MÉLO, J. L. B. “**A técnica da entrevista na pesquisa social**”. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, 1998, v. 9, pp. 143-59.

COUTINHO, L. M. 1934-2016. **Biomias brasileiros**. São Paulo: Oficina de Textos, 2016.

COUTINHO, L. M. O Bioma do Cerrado. *In*. KLEIN, A. L. (org.). Eugen Warming e o **Cerrado brasileiro: um século depois**. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado. 2002.

CRUZ, A. K. R. **A Fecundidade dos Povos Indígenas no Brasil: níveis, padrões e determinantes**. 2020. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2020.

da Silva, L., Rosa, O., & de Matos, P. (2021). Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena Cacique José Borges do Povo Tapuia (GO): educação escolar indígena e saberes específicos. *In*. **Geografia em Atos** (Online), 5, 1-19. doi: <https://doi.org/10.35416/geoatos.2021.8420>.

DO VALLE, L. **História, Conservação e Legislação Ambiental no Vale Do São Patrício: abordagem exploratória e descritiva**. 2016. Dissertação de Mestrado. Centro Universitário de Anápolis Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente. Anápolis. 2016.

FLÁVIO, L. C. A geografia e os “territórios de memória” (as representações de memória do território). *Revista Faz Ciência*, [S. l.], v. 15, n. 21, p. 123, 2000. DOI: 10.48075/rfc.v15i21.8731. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/8731>. Acesso em: 12 jul. 2022.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio. (2020). Disponível em: <http://funai.gov.br/index.php/quem-somos>.

GOMES, P. C. C. **Sobre Territórios, Escalas e Responsabilidade**. *In*: HEIDRICH, A. L. et.al. (Orgs.). *A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.p, 37-45.

HARVEY, David. Alternativas ao neoliberalismo e o direito à cidade. *In*. **Novos Cadernos NAEA**, v. 12, n. 2, dez. 2009, p. 269-274.

INSTITUTO MAURO BORGES. Disponível em: [www.imb.go.gov.br/files/docs/mapas/microrregioesibge/microrregiao\\_de\\_ceres.pdf](http://www.imb.go.gov.br/files/docs/mapas/microrregioesibge/microrregiao_de_ceres.pdf) Acesso: 30 de jan. de 2022.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA, 2015). Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br>. Acesso: 18.05.2021.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 1991.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. FARO, André. SANTOS, Mayara Rodrigues dos. A desumanização presente nos estereótipos de índios e ciganos. *In. Revista Psicologia Teoria e Pesquisa*. Jan-Mar 2016, Vol. 32 n. 1, pp. 219-228.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. Katálysis*, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?lang=pt>. Acesso em: 7 set. 2021.

MÉLLO, R. P. SILVA, A.A. LIMA, M. L.C. DI PAOLO, A. F. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. *In. Psicologia e Sociedade*, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

MELO, A. B. de. **A política indigenista Pombalina na Capitania de Goyas: o tempo de rendição (1772-1783)**. Dissertação de Mestrado. 2008.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, Técnica a Arte: o desafio da pesquisa social. In. DESLANDES, S. F. CRUZ NETO, O. MINAYO, M. C. S. (Orgs). *In. Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MÓNICO, L. S. et al. A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. ATAS - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, [s. l.], v. 3, p. 724-733, jul. 2017. *In. Trabalho apresentado no 6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa*, [Salamanca, Espanha]. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447>. Acesso em: 7 set. 2021.

MOTA JUNIOR, E. R., de Souza Silva, I., & Gomes da Silva, L. (2021). Fronteiras, mineração, conflitos e pressões em terras indígenas no Cerrado brasileiro. *In. Revista Campo-Território*, 16 (40 abr.), 115–135. <https://doi.org/10.14393/RCT164005>.

MOURA, M. C. O. Aldeamento Carretão: “marco zero” da história das relações interétnicas dos tapuios. *In. Dimensões*. vol. 18 – 2006.

NORA, P. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. Proj. História, São Paulo, n.10, dez, 1993.

PEDROSO, L. F. Aportes metodológicos sobre o estudo do cotidiano dos espaços urbanos metropolitanos. *In: SALAZAR, V. L.; RÜCKERT, P. A. A.; RAMÍRES, J. C. L. (orgs.). Pesquisa qualitativa: aplicações em geografia*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2017.

POLLACK, M. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. cap. 1, p. 143-163.

RAVAGNANI, O. M. A agropecuária e os aldeamentos indígenas goianos. *In. Perspectivas*. São Paulo. Ed. 9/10. 1986-1987.

RIBEIRO, D. (1970). **Os índios e a civilização: A integração das populações indígenas no Brasil Moderno**. 542p. São Paulo: Cia das Letras.

RIBEIRO, Solange Lucas. Espaço escolar um elemento (in)visível no currículo. *In. Sitientibus*. Feira de Santana, n 31. P. 103-118. Jul./dez. 2004. Disponível em: [http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco\\_escolar.pdf](http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar.pdf) Acesso em: 3 de jul. de 2022.

RODRIGUES, A. D. "Macro-Jê". In R. M. W. Dixon and Alexandra Y. Aikhenvald (eds.), **The Amazonian Languages. Cambridge Language Surveys. Cambridge**: Cambridge University Press, 1999.

RODRIGUES, A. D. **A originalidade das línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas, 2013. p. 17. (Comunicação Oral) Disponível em: [laliunb.com.br](http://laliunb.com.br).

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras: Para O Conhecimento Das Línguas Indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, E. M. R. Português Tapuia: um signo de resistência indígena. *In. Revista Porto das Letras*, Vol. 04, Nº 01. 2018 Sociolinguística: os Olhares do Sul na Desestabilização dos Modelos Herdados.

RODRIGUES, E. M. R. Processo sócio-histórico de formação do Português Tapuia. In: REZENDE, T. F.; NAZARENO, E.; FREITAS, M. T. de U. Sustentabilidade ambiental e linguístico-cultural na comunidade Tapuia do Carretão-Goiás. Goiânia: UFG, 2014.

RODRIGUES, E. R. M. **Narrativas Oraís do Povo Indígena Tapuia do Carretão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Sociais. Programa de Pós-graduação em Performances Culturais. Goiânia. 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11084> . Acesso em: 12 de out. de 2021.

SANTOS, B. S. (Org.). **Reconhecer para Libertar. Os Caminhos do Cosmopolitismo Multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

SCHNEIDER, E. M. FUJII, R. A. X. CORAZZA, M. J. Pesquisas Quali-Quantitativas: Contribuições para a pesquisa em ensino de ciências. *In. Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo. v.5, n.9, p. 569-584, dez. 2017.

SCHWARTZ, S. B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SERPA, A. Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea. **Revista Formação**, [s. l.], v. 2, n. 14, p. 14-22, 2007. Disponível em:

<https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/642>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SESAI. **Secretaria da Saúde Indígena**. Posto Local, cidade de Minaçu/Goiás, 2016.

SILVA, Cristian Teófilo. **Cativando Maira: a sobrevivência Avá-Canoeiro no Alto Rio Tocantins**. Tese de doutorado. Brasília. Faculdade de Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

SILVA, L. G. A luta pela terra, a luta pela vida: a interveniência das Políticas Públicas no Território do Povo Indígena Tapuia em Goiás. *In. Ateliê Geográfico - Goiânia-GO*, v. 7, n. 3, 2013, p.164-187.

SILVA, L. G. A luta pela terra, a luta pela vida: a interveniência das Políticas Públicas no Território do Povo Indígena Tapuia em Goiás - DOI 10.5216/ag.v7i3.9223. *In. Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 7, n. 3, p. 164–187, 2013.

SILVA, L. G. **Singrar rios, morar em cavernas e furar jatoká: ressignificações culturais, socioespaciais e espaços de aprendizagens da família Avá-Canoeiro do Rio Tocantins**. Goiânia, 331f. Tese (Doutorado) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás.2016.

SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de Campo em Geografia. *In. GEOgraphia*, v. 4, n. 7, p. 64-68, 21 set. 2009.

SUESS. Rodrigo Capelle. Geografia Humanista e a Geografia Cultural: encontros e desencontros! A insurgência de um novo horizonte? *In. Élisée. UEG – Porangatu*, v.6, n.2, p.94-115, jul./dez. 2017.

TRINDADE, I. E. **O fenômeno da Monotongação no Português Tapuio**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Banco de teses e dissertação da UFG. 2009.

Tuan, Y. (1983). Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo, Brasil: Difel.

VARGAS, M. A. M. O exercício da observação no estudo da paisagem: redundâncias e essencialidades. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, MG,v. 21, n. 76, p. 98-115, ago. 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/51686>. Acesso em: 7 set. 2021.

**APÊNDICES**

## **APÊNDICE A – Roteiro da Visita Exploratória**

Aspectos a serem observados

1. Local da observação: Municípios de Nova América e Rubiataba (GO). Bairros onde residem os indígenas do povo Tapuia
2. Participantes da observação: Indígenas Tapuia residentes no perímetro urbano de Nova América e Rubiataba
3. Horário: (a definir com os entrevistados)
4. Descrição do Ambiente: Inicialmente reconhecer os municípios onde o povo Tapuia reside, buscando imergir na realidade dos participantes da pesquisa, em especial nos bairros. A partir do acesso as residências dos indígenas observar a percepção desses do bairro onde residem, a forma de vida que levam, dificuldades e motivações de se manterem ali. Quantos são os moradores da residência. (caso as possibilidades permitam acompanhá-los em locais que costumam frequentar, supermercados lojas e outros)
5. Modo de vida dos sujeitos participantes da pesquisa: Observar como é o modo de vida dos Tapuia em suas residências, sua socialização em seus bairros com vizinhos e conhecidos, identificando a convivência com outros indígenas e não indígenas,
6. Observação: Onde as casas são construídas, bairros, formas de cultivos que possuem em suas residências, forma de alimentação, tipo de alimentação, como adquirem esses alimentos
7. Perceber como eles apreendem o ambiente: Quais são os sentimentos que mais expressam suas formas de vida e de interação e, a relação com os outros sujeitos, indígenas e não indígenas no contexto urbano.

## APÊNDICE B: Roteiro de Questões – Visita Exploratória

Nome: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ ( ) Masculino ( )

Feminino

1. Você nasceu na Terra Indígena do Carretão I, Carretão II ou na cidade? Qual?
2. O que é ser indígena? Por quê?
3. O que significa não ser indígena?
4. Quantos são os membros da sua família e qual a principal fonte de renda? Relate as principais fontes de renda que já teve na sua vida e, explique porque é esta atualmente
5. Há quanto tempo você reside no atual bairro? Já morou em outros bairros da cidade? Quais? Historiar onde e quando?
6. Na sua opinião, qual quais são as principais diferenças entre viver na Terra Indígena e viver na cidade?
7. Como são feitas as dispensas na sua casa? Existe alguém responsável ou as dispensas são divididas?
8. Como você considera a sua relação com a sua familiares?
9. Você morando na cidade, qual é o tipo de relação que possui com a natureza? Por quê?
10. Que tipos de dificuldades você encontra vivendo na cidade?
11. Você sente liberdade para circular pela cidade? Existem ambientes nos quais não se sente à vontade de frequentar? Quais? Por quê?
12. Na sua opinião, aconteceu algo na cidade, e em sua interação com os não indígenas que pode se relacionar com alguma dificuldade em viver a sua identidade indígena? Relatar o fato, explicar quando e porque foi dificuldade.
13. Na cidade você já sofreu algum ato de discriminação, por parte da população não-indígena, motivado por você ser indígena? Qual? Você acha que a discriminação é por quê?
14. Como você age para superar a discriminação?
15. Você sente acolhido em ambientes, tais como supermercados, escolas, órgãos públicos, lojas, bares, lanchonetes, entre outros, quando você recorre a estes locais? Qual ambiente? Por quê?
16. Você considera que os indígenas possuem as mesmas oportunidades de construir e/ou adquirir suas casas, nesse município, sejam iguais as a da população não-indígena?
17. Você possui práticas culturais que lhe foi repassada pelos seus ancestrais? Quais? Você se sente à vontade para praticá-las na cidade onde mora?

18. Como você caracteriza os seus hábitos alimentares? Quais são os principais alimentos que você consome? E como esses alimentos são adquiridos?
19. Você utilizava de práticas de plantio de algum alimento para a subsistência? Quais?
20. Você faz plantio de ervas medicinais? Quais? Para que as utiliza?

## **APÊNDICE C: Roteiro para Pesquisa de Campo**

1. Municípios de Nova América e Rubiataba, bairros onde residem o povo Tapuia. Bairros em Nova América: Jardim Baunilha, Jardim dos Alpes e Centro. Bairros em Rubiataba: Santa Fé, Setor dos Jardins, Rubiatabinha, Setor Jardins, Serrinha e Morada do Ipê.
2. Participantes da observação: Indígenas pertencentes ao povo Tapuia residentes no perímetro urbano de Nova América e Rubiataba.
3. Data e horário: Mês de fevereiro, horários a definir com os entrevistados. Os entrevistados serão contactados durante o mês de janeiro, para se realizar o agendamento das entrevistas.
4. Descrição do Ambiente: Inicialmente reconhecer os municípios onde a comunidade Tapuio reside, buscando imergir na realidade dos participantes da pesquisa, em especial nos bairros. A partir do acesso as residências dos indígenas observar a percepção desses do bairro onde residem, a forma de vida que levam, dificuldades e motivações de se manterem ali. Quantos são os moradores da residência. (caso as possibilidades permitam acompanhá-los em locais que costumam frequentar, supermercados lojas e outros). Com uma boa imersão será possível fazer o acompanhamento.
5. Modo de vida dos sujeitos participantes da pesquisa: Observar como é a vida dos Tapuio em suas residências. Buscar observar como se dá a socialização dos indígenas em seus bairros e, com vizinhos e conhecidos, identificando a convivência entre os Tapuia e não indígenas.
6. Observação do meio em que vivem: Onde as casas são construídas, bairros, a motivação da escolha do bairro, formas de cultivos que praticam em suas residências, tipo de alimentação, e como são adquiridos esses alimentos.
7. Perceber as como eles apreendem o ambiente: Quais são os sentimentos que mais expressam suas formas de vida e de interação e, a relação com os outros sujeitos, indígenas e não indígenas no contexto urbano.
8. Registro: Durante a observação e no momento das entrevistas será realizado o registro fotográfico dos municípios, bairros onde residem os entrevistados e, a partir da previa autorização dos entrevistados o registro fotográfico dos mesmos e suas residências.

## APÊNDICE D – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG  
 INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS – IESA  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGeo

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “POVO TAPUIA DO CARRETÃO (GO): MODO DE VIDA, RESSIGNIFICAÇÕES E TERRITORIALIDADES ENTRE A ALDEIA E AS CIDADES”. Meu nome é Leonardo José dos Reis Coimbra de Melo, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Ciências Humanas - Geografia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail [meloleonardo@discente.ufg.br](mailto:meloleonardo@discente.ufg.br) e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62) 9 92117884, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender como são elaboradas as estratégias territoriais desenvolvidas pelos indígenas Tapuio, residente nas cidades de Nova América e Rubiataba, observando seus modos de vida contribui na construção da territorialidade indígena urbana. Você será convidado a responder vinte questões de um questionário e para isso deverá reservar um período de 30 a 45 minutos. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Os riscos de sua participação nessa pesquisa podem ser o cansaço ao responder ao questionário, constrangimento e riscos emocionais, comprometendo-se com o máximo de benefícios apresentando seu modo de vida, suas dificuldades em viver na cidade e podendo expressar o que é ser indígena.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG  
 INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS – IESA  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGeo

- Permito a utilização de gravador durante a entrevista.  
 Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Autorizo o uso de minha voz em publicações.  
 Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.  
 Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.  
 Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.  
 Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

## 1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, ....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **POVO TAPUIA DO CARRETÃO (GO): MODO DE VIDA, RESSIGNIFICAÇÕES E TERRITORIALIDADES ENTRE A ALDEIA E AS CIDADES**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG  
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS – IESA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PP GEO

pelo pesquisador responsável **Leonardo José dos Reis Coimbra de Melo** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

....., ..... de ..... de .....

---

Assinatura por extenso do(a) participante

---

Testemunha 1 (caso participante seja iletrado)

---

Testemunha 2 (caso participante seja iletrado)

---

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

**ANEXOS**

## ANEXO A: Parecer consubstanciado do CEP e CONEP



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** INDÍGENAS URBANOS: O MODO DE VIDA TAPUIA NOS MUNICÍPIOS DE NOVA AMÉRICA E RUBIATA.

**Pesquisador:** LEONARDO JOSE DOS REIS COIMBRA DE MELO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 53229921.5.0000.5083

**Instituição Proponente:** INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.204.330

## Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: INDÍGENAS URBANOS: O MODO DE VIDA TAPUIA NOS MUNICÍPIOS DE NOVA AMÉRICA E RUBIATA. Pesquisador Responsável: LEONARDO JOSE DOS REIS COIMBRA DE MELO. N. CAAE: 53229921.5.0000.5083. Instituição Proponente: INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS. Membro da equipe de pesquisa: Maria Geralda de Almeida.

O processo de deslocamento de populações indígenas para os espaços urbanos não é recente. Surge assim alguns questionamentos entre os quais um torna-se o cerne da pesquisa em andamento: que maneiras são elaboradas as territorialidades do povo Tapuia residente em espaços urbanos dos municípios de Nova América e Rubiataba em Goiás? Essa questão surge dada as suas manifestações culturais e cosmologia tradicional serem distintas dos não-índios, os quais correspondem a maior parcela das comunidades urbanas. Nesse contexto, busca-se compreender como são construídas as territorialidades dos Tapuia residentes nesses dois municípios. Tratando-se de uma pesquisa explicativa, pois busca pormenorizar determinado fenômeno, perfilando pela Fenomenologia e utilizando da abordagem da Geografia Cultural.

## Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como são elaboradas as estratégias territoriais desenvolvidas pela população Tapuia, residente nas cidades de Nova América e Rubiataba, observando como o modo de vida

**Endereço:** Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110  
**Bairro:** Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970  
**UF:** GO **Município:** GOIANIA  
**Telefone:** (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.204.330

desses sujeitos contribui na construção da territorialidade indígena urbana.

**Objetivo Secundário:**

- Realizar um levantamento do processo sócio-histórico de territorialização do povo Tapuia, nas cidades de Nova América e Rubiataba;
- Identificar o modo de vida dos sujeitos Tapuia que vivem no espaço urbano dos municípios de Nova América e Rubiataba;
- Destacar quais são as principais dificuldades do povo Tapuia no processo de territorialização nos espaços urbanos dada a transição entre terra indígena e cidade;
- Detectar a existência de conflitos e segregação espacial entre os Tapuia e os não-índios no espaço urbano de dois municípios, dado o seu modo de vida em um ambiente não indígena;
- Indicar os mecanismos de resiliência utilizados pela população Tapuia residente nos municípios de Nova América e Rubiataba, para a manutenção de sua cultura e seus modos de vida;

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; Desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; Possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados; medo de não saber responder ou de ser identificado; estresse; quebra de sigilo; cansaço ou vergonha ao responder às perguntas; dano; quebra de anonimato.

**Benefícios:**

A relevância da pesquisa apresenta-se no conhecimento a ser obtido sobre o cotidiano indígena dada a negligência com as políticas públicas voltadas para as comunidades indígenas, entre as quais destacam-se a ausência de educação intercultural, bilingue e/ou multilíngue, saúde, além de invasões de suas terras por fazendeiros, garimpeiros e grileiros, situações que acabam contribuindo com os deslocamentos dessas populações para as cidades.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

**Hipótese:**

A relevância da temática baseia-se, na observância desses dados, decorrendo a preocupação em compreender de que forma essa população indígena cidadina elabora a sua territorialidade em espaços urbanos. O modo de vida dessa população indígena será investigado, identificando como modo de vida influencia no processo de elaboração da territorialidade nas cidades de Nova

**Endereço:** Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110  
**Bairro:** Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970  
**UF:** GO **Município:** GOIANIA  
**Telefone:** (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.204.330

América e Rubiataba.

**Critério de Inclusão:**

Indígenas que se autodeclaram da etnia Tapuio, residentes em contexto urbano nos municípios de Nova América e Rubiataba - GO, (n=10)

**Critério de Exclusão:**

Indígenas da etnia Tapuio residentes na Terra Indígena do Carretão I e II, localizadas nos municípios de Nova América e Rubiataba - GO.

Os procedimentos metodológicos: diário de campo, observação, entrevistas semiestruturadas, rodas de conversa e registros fotográficos. A partir de levantamentos bibliográficos é perceptível a distinção entre o modo de vida indígena e não-indígena em espaços urbanos, que no caso dos Tapuia, com o avanço da pesquisa e posteriores trabalhos de campo será objeto para se compreender a elaboração das territorialidades desse povo.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

- Folha de rosto devidamente preenchida.
- Termo de compromisso da equipe de pesquisa devidamente assinado
- Instrumento de coleta de dados.
- TCLE: está redigido na forma de convite. Constam os objetivos, justificativa; o direito de pleitear indenização em caso de danos advindos da participação, bem como ressarcimento em caso de despesas; o tempo a ser dispendido com a participação e Explicitam os riscos. Há a autonomia do participante em optar, em um box, pela permissão ou não da utilização de gravador durante a entrevista; Autorização ou não do uso de minha em publicações; Permissão ou não da divulgação da opinião nos resultados publicados da pesquisa; Permissão ou não da divulgação da imagem nos resultados publicados da pesquisa, bem como a Permissão ou não de utilizar os dados para pesquisas futuras.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após análise dos documentos postados somos favoráveis à aprovação do presente protocolo de pesquisa, smj deste Comitê.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo

**Endereço:** Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110  
**Bairro:** Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970  
**UF:** GO **Município:** GOIANIA  
**Telefone:** (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.204.330

APROVADO. O mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG os relatórios parciais e o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para setembro de 2022.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1811472.pdf	24/12/2021 03:29:25		Aceito
Outros	termo.pdf	11/11/2021 22:36:42	LEONARDO JOSE DOS REIS COIMBRA DE MELO	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	11/11/2021 18:38:52	LEONARDO JOSE DOS REIS COIMBRA DE MELO	Aceito
Outros	Dados.pdf	11/11/2021 18:33:48	LEONARDO JOSE DOS REIS COIMBRA DE MELO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	11/11/2021 18:30:24	LEONARDO JOSE DOS REIS COIMBRA DE MELO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	11/11/2021 18:22:32	LEONARDO JOSE DOS REIS COIMBRA DE MELO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	11/11/2021 17:52:01	LEONARDO JOSE DOS REIS COIMBRA DE MELO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110  
**Bairro:** Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970  
**UF:** GO **Município:** GOIANIA  
**Telefone:** (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.204.330

GOIANIA, 18 de Janeiro de 2022

---

**Assinado por:**  
**Rosana de Moraes Borges Marques**  
**(Coordenador(a))**

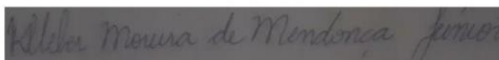
**Endereço:** Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110  
**Bairro:** Campus Samambaia, UFG                      **CEP:** 74.690-970  
**UF:** GO                      **Município:** GOIANIA  
**Telefone:** (62)3521-1215                      **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

**ANEXO B: Declaração de revisão****Declaração de Revisão**

Prezado(a) Senhor(a)

Declaro, para os devidos fins, que realizei a revisão da dissertação intitulada “POVO TAPUIA DO CARRETÃO (GO): MODO DE VIDA, RESSIGNIFICAÇÕES E TERRITORIALIDADES ENTRE A ALDEIA E AS CIDADES” de autoria de Leonardo José dos Reis Coimbra de Melo, consistindo em correção gramatical adequação do vocabulário e inteligibilidade do texto. Além da tradução do resumo para a Língua Inglesa.

Goiânia, 02 de agosto de 2022.



**Klleber Moreira de Mendonça Júnior**

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade -  
UEG/Câmpus Cidade de Goiás.  
Graduado em Letras - Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa UEG/Câmpus São  
Luís de Montes Belos